



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CAFÉ

SAFRA 2014
Segundo Levantamento
Maio/2014



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Neri Geller

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa

Airton Camargo Pacheco da Silva

Bernardo Nogueira Schlemper

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

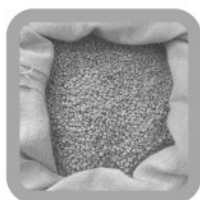
Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Superintendências Regionais

Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rondônia e São Paulo



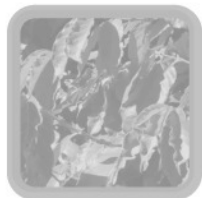
ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CAFÉ

SAFRA 2014
Segundo Levantamento
Maio/2014

ISSN: 2318-7913

Acompanhamento da Safra Brasileira de Café, Segundo Levantamento, Brasília, p. 1-61, maio de 2014



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA)

Ramiro Neto Souza do Amaral

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (Emater-RO)

José Tarcísio Batista Mendes

Instituto Capixaba de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper-ES)

Romário Gava Ferrão

Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA-SP)

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI)

Antônio José Torres; Paulo Sérgio Vianna Mattosinho; Shigueru Kondo

Instituto de Economia Agrícola (IEA)

Celma da Silva Lago Baptistella, Celso Luiz Rodrigues Vegro, José Alberto Ângelo, Carlos Fredo, Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco

Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento - Paraná (SEAB-PR)

Departamento de Economia Rural (Deral)

Francisco Carlos Simioni e Paulo Sérgio Franzini

Colaboradores das Superintendências

ES – Kerley Mesquita de Souza, Paulo Roberto de Luna, Pedro Antônio Medalane Cravinho

GO – Adayr Malaquias de Souza, Espedito Leite Ferreira, Fernando Wilson Ferrante, Rogério César Barbosa

MG – Eugênio Teixeira de Carvalho, Hygino Felipe Carvalho, João Eduardo Lopes, José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia de Oliveira Sales, Sérgio de Lima Starling, Telma Ferreira e Silva, Terezinha Vilela de Melo Figueiredo, Warlen César Henriques Maldonado

RO – Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kásper

Editoração:

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação:

Marília Yamashita

Fotos:

Arquivo Dirab/Conab, Clauduado Abade, Marília Yamashita, Virgílio Neto

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Trimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

ISSN:

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução.....	3
2. Produção.....	4
3. Área cultivada.....	4
4. Avaliação por estado.....	5
4.1. Minas Gerais.....	5
4.1.1. Condições climáticas.....	5
4.1.2. Estimativa de produção.....	5
4.1.3. Situação das lavouras.....	8
4.1.4. Considerações finais.....	8
4.2. Espírito Santo.....	9
4.2.1. Café arábica.....	10
4.2.2. Café robusta.....	10
4.3. São Paulo.....	11
4.4. Bahia.....	12
4.5. Paraná.....	13
4.6. Rondônia.....	14
4.7. Goiás.....	15
5. Aspectos fisiológicos do cafeeiro – estresse abiótico.....	16
6. Monitoramento agrícola via satélite.....	19
7. Receita bruta do café.....	36
8. Custos de produção de café.....	38
9. Preços do café beneficiado.....	41
10. Crédito rural.....	47
11. Exportação.....	48
12. Localização das áreas de cultivo.....	50
13. Tabelas e gráficos dos resultados obtidos no levantamento.....	51
14. Referências bibliográficas consultadas.....	60

1. INTRODUÇÃO

A CONAB realiza quatro levantamentos de campo ao longo do ano safra da cultura, como segue:

- Primeiro levantamento – mês de dezembro - período pós-florada;
- Segundo levantamento – mês de abril – período pré-colheita;
- Terceiro levantamento – mês de agosto – período plena colheita; e
- Quarto levantamento – mês de dezembro – período pós-colheita.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo, são divulgadas as quatro previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, com o objetivo de permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia produtiva do café, bem como, a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressaltamos que estas previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, notadamente as duas primeiras, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que por ventura tenham ocorrido são detectados e estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas a medida que a colheita avança.

A realização destes levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, somente é possível graças às parcerias estaduais, o compromisso e a dedicação profissional dos técnicos das seguintes instituições:

- Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/IEA/SP);
- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI);
- Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper/ES);
- Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S/A (EBDA/BA);
- Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB) Departamento de Economia Rural (Deral/PR);
- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (Emater/RO).

São consultados também, escritórios e técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção e para compatibilizar os números globais dos estados de maior produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições, que ao longo dos anos realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação, aos quais, na oportunidade, a Conab registra os seus agradecimentos, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados no período de 06 a 17 de abril 2014, quando foram visitados os municípios dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná, Rondônia e Goiás), que correspondem a 98,3% da produção nacional.

Foram realizadas entrevistas e aplicados questionários aos informantes previamente selecionados. Apesar deste ano safra ser de ciclo negativo de bienalidade da

produção, o resultado desta estimativa é uma produção recorde dentro deste ciclo, resultado da melhora dos tratos culturais das lavouras, influenciada pela recuperação dos preços nos mercados externo e interno.

2. PRODUÇÃO

A segunda estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e robusta) em 2014, indica que o país deverá colher um volume de 44,57 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado (Tabela 1). O resultado representa uma redução de 9,33%, ou 4,58 milhões de sacas quando comparado com a produção de 49,15 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

O café arábica representa 72,4% da produção total (arábica e robusta) de café do país. Para a nova safra estima-se que sejam colhidas 32,23 milhões sacas. O resultado representa uma redução de 15,81% (-6.051,3 mil sacas). Tal redução se deve as forte estiagem verificada nos primeiros meses de 2014, ao das podas nos cafezais e à inversão da bienalidade em algumas regiões produtoras.

A produção do robusta, estimada em 12,33 milhões de sacas, representa um crescimento de 13,49%. Este resultado se deve, sobretudo, à recuperação da produtividade, que na safra anterior sofreu com a forte estiagem, e ao crescimento da área em produção, principalmente no estado do Espírito Santo, maior produtor da espécie robusta.

Com este resultado nesta nova safra, quebra-se a tendência de crescimento da produção que, desde a safra de 2005 vinha se observando nos ciclos de alta bienalidade, inclusive ficando abaixo da última safra que foi de baixa.

Na tabela abaixo, observa-se a evolução da produção de café no país. Os anos pares correspondem aos anos de produção em safras de alta bienalidade.

**CAFÉ BENEFICIADO
COMPARATIVO DE PRODUÇÃO**

(Em milhões de sacas)

SAFRA	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014(*)
ARÁBICA	31,71	23,81	33,01	25,10	35,48	28,87	36,82	32,19	38,34	38,29	32,23
CONILON	7,56	9,13	9,50	10,97	10,51	10,60	11,27	11,29	12,48	10,86	12,33
TOTAL	39,27	32,94	42,51	36,07	45,99	39,47	48,09	43,48	50,82	49,15	44,56

Legenda: (*) Ponto médio entre o intervalo (46,53 a 50,15)

Fonte: Conab

maio/2014

3. ÁREA CULTIVADA

A área total plantada com a cultura de café (espécies arábica e robusta) no país totaliza 2.267.577,8 hectares, 1,90% inferior à área colhida na safra passada e corresponde a uma redução de 44.021,2 hectares. Desse total, 341.504,4 hectares (15,06%) estão em formação e 1.926.073,4 hectares (84,94%) estão em produção.

Em Minas Gerais está concentrada a maior área com 1.245.710 mil hectares, predominando a espécie arábica com 98,89% no estado. A área total estadual representa 53,89% da área cultivada com café no país.

No Espírito Santo está a segunda maior área plantada com a cultura cafeeira, totalizando 488.583 hectares, sendo 310.088 hectares com a espécie robusta e 178.495 hectares com a arábica. O estado é o maior produtor da espécie conilon, com participação

de 75,82% na semeada com a espécie no país.

4. Avaliação por estado

4.1. Minas Gerais

As informações da safra, ora divulgados, refletem a percepção dos informantes ligados à cafeicultura mineira, comparativamente aos números alcançados na safra passada, levando-se em conta fatores ligados à produção, tais como: bienalidade da cultura, tratos culturais, ataques de pragas e doenças, condições climáticas ocorridas ao longo do ciclo produtivo da cultura, preços de comercialização do café e custos de produção, dentre outros.

4.1.1. Condições climáticas

As chuvas iniciaram no final de setembro, esparsas e bastante irregulares, e assim se mantiveram até meados de novembro, quando passaram a ocorrer com maior frequência e volume, contribuindo para a abertura de floradas, viabilizando o vingamento dos grãos e indicando boa carga produtiva para as lavouras. Dezembro iniciou com chuvas mais constantes, atrasando e dificultando as operações de adubação da cultura, mas garantindo o teor de umidade necessário para o desenvolvimento dos cafezais, e sem expectativa de prejuízos para as lavouras. Seguiu-se, no entanto, um longo e severo período de estiagem no decorrer do primeiro trimestre de 2014, em todo o estado de Minas Gerais, mas de duração e intensidade bastante heterogênea entre regiões, entre municípios, e mesmo de uma lavoura para outra, muitas vezes comprometendo, pelo menos, uma etapa da adubação, devido à falta de umidade, e concorrendo, também, para intensificar o ataque de pragas, com destaque para cercóspora, bicho mineiro, ácaro vermelho e broca.

O déficit hídrico, provocado pela escassez e irregularidade das chuvas ocorridas neste período, e agravado pelas condições de elevadas temperaturas, vem causando sérios danos às lavouras de café, atingidas na fase de formação e enchimento de grãos - estágio em que se define o tamanho, o peso e a qualidade dos grãos -, e já sinalizando perdas no rendimento da safra 2014, bem como um possível comprometimento da produção da safra 2015, em face do menor crescimento vegetativo dos ramos produtivos que vem sendo constatado em grande parte do parque cafeeiro.

A partir de março voltou a chover moderadamente, e embora o volume de precipitações ainda não seja suficiente para repor o déficit hídrico acumulado, nem tampouco para reverter a expectativa de perdas na safra 2014, vem conseguindo, ao menos, viabilizar a adubação das lavouras, impulsionada pelo aquecimento dos preços de mercado, e que pode vir a impactar, positivamente, a safra 2015.

4.1.2. Estimativa de Produção

A produção de Minas Gerais está estimada em 22.992.048 sacas de café na safra 2014. A produtividade média do estado deverá atingir 22,97 sc/ha. Em comparação com a safra anterior, a estimativa sinaliza um recuo da produção cafeeira em 16,9%, refletindo

um cenário diferente do esperado nos levantamentos iniciais.

Tal redução decorreu pela inversão da bialidade em algumas regiões do estado, tais como: a Zona da Mata Mineira, da redução da área em produção provocada pelo aumento das podas nos cafezais e pela forte estiagem acompanhada de altas temperaturas nos primeiros meses do ano, que além de comprometer os trabalhos de adubação das lavouras, trará prejuízos para a quantidade e qualidade do café a ser colhido.

A produção de café na região do Sul de Minas foi reavaliada para 10.873.552 sacas, revertendo a tendência de ligeiro crescimento projetada à época do primeiro levantamento e sinalizando uma retração de 18,58% comparada à safra 2013 e de 20,83% em relação ao prognóstico inicial da safra 2014. Houve algumas reavaliações de área na região, decorrentes do aumento de podas, com destaque para os esqueletamentos, manejo que vem sendo cada vez mais utilizado nos últimos anos e que tem concorrido para diminuir a amplitude de variação entre a produção das safras de bialidade alta e de bialidade baixa. Comparativamente a 2013, a redução da área em produção no Sul de Minas foi da ordem de 17 mil hectares, representando uma variação a menor de apenas 3,32%.

A projeção de queda na produção decorreu, portanto, notadamente da reavaliação da produtividade média da região, estimada em 21,58 sc/ha, com uma retração de 15,77% em comparação com a safra 2013 e de 20,28% em relação ao primeiro levantamento da safra 2014, em decorrência da forte estiagem que atingiu as lavouras no primeiro trimestre, e que chegou a motivar a decretação de estado de emergência em alguns municípios, tamanha a intensidade do problema, bem como a demanda de elaboração de laudos de perdas para efeito de acionamento de seguro nas áreas mais fortemente prejudicadas.

De fato, há uma forte tendência de queda no rendimento, visto que as condições climáticas adversas concorreram para o aumento significativo da presença de frutos com grãos chochos, mal formados, únicos, com sintomas de coração negro e/ou miúdos, sobretudo nas lavouras mais novas, em que pese grande parte das lavouras se mostrar bem enfolhada e bastante carregada.

Região do Cerrado Mineiro - A segunda estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2014 é de 5.813.520 sacas de 60 kg, o que representa um aumento de 11,52%, comparativamente à safra anterior. A produtividade média apresentou um incremento de 8,25%, estimada em 33,31 sacas/ha. A área de café em produção teve um acréscimo de 3,03% em relação à safra anterior, totalizando 174.554 hectares.

Este aumento na produção de café na safra atual se deve ao ganho de produtividade decorrente do ciclo bienal da cultura, que embora atenuado nas últimas safras, por fatores diversos, como clima, investimentos, manejo das lavouras, entre outros, é de bialidade positiva na região, aliado a um aumento da área de café em produção, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação. Devido aos baixos preços do café, praticados até recentemente, houve um aumento da área de podas nas lavouras, principalmente esqueletamentos, com a finalidade de reduzir os custos com a manutenção da cultura.

Na região do cerrado mineiro, as condições climáticas de outubro a dezembro de 2013, apesar de alguma irregularidade na distribuição das chuvas, se mostraram bastante favoráveis para as lavouras, ensejando a formação de boas floradas, assim como o bom

pegamento e desenvolvimento dos frutos em sua fase inicial. Entretanto, em janeiro e fevereiro de 2014, fase de granação dos frutos, as chuvas foram escassas e com grande irregularidade na distribuição espacial e temporal, ocorrendo em forma de pancadas isoladas, atingindo de forma diferenciada, lavouras de uma mesma localidade ou sub-região. As temperaturas também estiveram bastante elevadas no período. Lavouras mais jovens, com sistema radicular menos desenvolvido, também sofreram mais os efeitos da estiagem.

Em março e abril as chuvas voltaram a ocorrer com maior frequência na região, melhorando as condições de armazenamento de água no solo. Atualmente as condições das lavouras sob o aspecto vegetativo são consideradas dentro da normalidade.

Com um regime pluviométrico um pouco mais favorável e uma área significativa de lavouras irrigadas, estima-se que as perdas na região do cerrado mineiro, decorrentes de grãos mal formados e menor renda no beneficiamento, sejam menores que em outras regiões produtoras do estado. Dessa forma, a real extensão das perdas provocadas pelo período de estiagem na produtividade das lavouras, só deverão ser conhecidas a partir do início da colheita e beneficiamento do café, previsto para o final de maio e início de junho.

Na Zona da Mata a produção estimada de café para a safra 2014 é de 5.566.510 sacas de 60 kg. Os levantamentos de campo apontam para um recuo da produção de 33%, equivalente a 2.749.452 sacas, quando comparados com a safra anterior. A área em produção para a região está estimada em 285.838 hectares, decréscimo de 7,7% em relação à safra passada. A produtividade média estimada é de 19,5 sc/ha. Tal expectativa de redução da produção deve-se à bienalidade negativa das lavouras, ao aumento significativo das podas dos cafezais com diminuição da área em produção, e a forte estiagem acompanhada de altas temperaturas de janeiro e fevereiro, que além de prejudicar os trabalhos de adubação das lavouras, trará prejuízos para a quantidade e qualidade do café a ser colhido, em razão do forte deficit hídrico a que foram submetidos os cafezais durante o período de crescimento dos frutos.

Ressaltamos que todos os municípios visitados apontam para uma diminuição expressiva da produtividade na próxima safra, refletindo a redução do potencial produtivo dos cafezais da região na esteira de uma safra recorde em 2013, e demonstrando uma vez mais o descompasso de produção existente entre a região da Zona da Mata e as demais regiões cafeeiras do estado.

Nas Regiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri, outubro e novembro foram marcados por precipitações esparsas e irregulares, porém, suficientes para minimizar o deficit hídrico característico da região e favorecer a abertura de boas floradas nas lavouras. Dezembro foi caracterizado por intensas precipitações intercaladas com breves períodos de estio, favoráveis, portanto, ao bom pegamento dos frutos. A produção estimada para a região é de 738.466 sacas de café, com uma produtividade média de 20 sc/ha. Dessa forma, estima-se uma redução de 4,9% na produção da safra 2014 em relação à safra 2013, contrariando as estimativas iniciais, em razão da forte estiagem e altas temperaturas ocorridas na região ao longo dos primeiros meses de 2014, que deverão provocar perdas significativas nas lavouras.

As regiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri, possuem cento e cinco municípios produtores de café perfazendo uma área de produção de 36.805 hectares, com produtividade média variando entre sete a oitenta sacas por hectare. Esta diferença de produtividade faz com que a variação percentual da região, quando da expansão dos dados da base amostral, os resultados se enquadram em patamares elevados de desvio padrão sob o ponto de vista da estatística. Cerca de 40% da área cultivada nestas regiões

se referem a lavouras conduzidas com baixo nível tecnológico, com pouca ou nenhuma utilização de insumos, localizadas fora da área de zoneamento agrícola do café e sem acesso aos benefícios do crédito e pesquisa. Em contrapartida, as áreas restantes se caracterizam por lavouras de elevado nível tecnológico, irrigadas e bem conduzidas, apresentando produtividade média bastante elevada.

4.1.3. Situação das lavouras

A despeito do longo período de estiagem e das altas temperaturas nos primeiros meses do ano, coincidindo com o período de enchimento dos grãos, quando são demandados altos níveis de nutrientes e é comum o desgaste fisiológico das lavouras, especialmente aquelas com alta produção, a situação atual dos cafezais, sob o aspecto vegetativo, são consideradas dentro da normalidade. Tal condição reflete o retorno das chuvas em todo o estado a partir de março e abril e a retomada dos tratos culturais das lavouras, ainda que tardios, incentivados pela recuperação dos preços do café em 2014.

As lavouras se apresentam, predominantemente, na fase de maturação dos frutos, com registros de início da colheita em alguns municípios ainda em abril, devido ao amadurecimento prematuro, principalmente nas lavouras novas de primeira e segunda cargas, localizadas em região de baixa altitude. Essas lavouras têm apresentado baixo rendimento, uma vez que os grãos não se desenvolveram de forma adequada, sendo necessário um maior volume de litros para a formação de uma saca de café.

Em relatório anterior, publicado em janeiro, a Conab registrou a preocupação da cadeia produtiva do café em Minas Gerais com o recrudescimento dos ataques da broca (*Hypothenemus hampei*) nas lavouras, cujo combate vem sendo dificultado pela proibição de uso do defensivo endossulfan, haja vista a baixa capacidade de resposta dos produtos registrados no MAPA para o controle desta praga. Considerando a gravidade do problema e o risco iminente de surto pela infestação da praga, o MAPA, em 12 de março de 2014, decretou estado de emergência fitossanitária em Minas Gerais, através da Portaria nº 188, que autoriza a adoção das medidas emergenciais necessárias ao controle da broca.

4.1.4. Considerações finais

Discussões refletindo a apreensão geral de produtores e técnicos quanto ao resultado da presente safra têm sido frequentes, coletas aleatórias de grãos têm sido realizadas nas lavouras para fundamentar previsões de rendimento com base na prática dos mais diversos testes, especulações distintas permeiam toda a cadeia, algumas mais conservadoras, outras bastante pessimistas, e embora seja indiscutível a ocorrência de perdas na presente safra, a tarefa de traduzir em números esta expectativa de quebra, vem se mostrando uma tarefa bastante difícil, sendo consensual a conclusão de que só serão obtidos dados mais consistentes com o avanço da colheita e beneficiamento da produção, ainda incipientes.

4.2. Espírito Santo

Os dados para a segunda estimativa da safra de 2014 no Espírito Santo foram levantados entre março/abril de 2014. Estas informações foram levantadas por técnicos do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), nos municípios produtores de café arábica e de café conilon do estado.

Como resultado desse trabalho verifica-se que a produção total da segunda estimativa de safra cafeeira de 2014 no Espírito Santo será de 12.208 mil de sacas. Desse quantitativo, 2.858 (23,42%) mil de sacas serão de café arábica e 9.350 (76,58%) mil de sacas de café conilon. Esse total é oriundo de um parque cafeeiro em produção de 447.355 hectares. Assim, a pesquisa indica uma produtividade média de 17,60 sacas por hectare para o café arábica e 32,81 sc/ha para o café conilon, resultando em uma produtividade estadual, ponderando café arábica e conilon de 27,29 sc/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2013 e 2014, verifica-se o acréscimo de 4,37% na produção geral do Espírito Santo. Houve o decréscimo de 18,01% para o café arábica e o acréscimo de 13,87% para o café conilon.

O decréscimo significativo previsto da produção de café arábica, deve-se ao fato de uma grande safra em 2013, a instabilidade e os baixos preços, problema climático envolvendo altas temperaturas e deficit hídrico de janeiro a março de 2014, principalmente na região do Caparaó, nas plantações entre 500 e 700 metros de altitudes, que concentra expressiva área de plantio. Assim, a bienalidade pronunciada, associados a instabilidade e preços muito baixos, levaram a muitos produtores a diminuir as adubações, os tratos culturais e efetuarem podas intensas nas lavouras.

Para o café conilon em 2014, o acréscimo de produção deve-se ao fato do Programa de Renovação e Revigoração de Lavouras, a baixa produção de 2013, o elevado vigor das plantas, a adequada florada e sua fertilização e, as condições climáticas favoráveis na região norte do estado, onde encontra-se cerca de 80% da produção capixaba. As lavouras possuem potencial para maior produção, mas a instabilidade climática e os preços baixos, levaram a muitos produtores diminuir as adubações e os tratos culturais.

As lavouras de café arábica e conilon do Espírito Santo apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há ainda, necessidade de estabilidade de preços, uma vez que, os produtores necessitam de recuperação de suas capacidades de investimentos e de condições financeiras para realizarem de forma adequada as adubações, tratos culturais e fitossanitários. As lavouras têm sido renovadas com variedades superiores e outras tecnologias associadas, que com certeza poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção, e, melhoria da qualidade final do produto do café no Espírito Santo.

Registra-se a renovação na ordem de 6% do parque cafeeiro do estado, utilizando as tecnologias desenvolvidas pelo programa de pesquisa desenvolvido pelo Incaper. A renovação e revigoração das lavouras com o uso adequado das tecnologias (variedades, adensamento, poda, manejo de solo, pragas doenças, irrigação, têm proporcionado obtenção de resultados muito satisfatório em produtividade e sustentabilidade da atividade. Muitos produtores têm alcançado produtividades superiores a 60 e 100 sacas beneficiadas/por hectare para café arábica e conilon.

4.2.1. Café Arábica

Para a segunda estimativa de previsão de safra cafeeira 2014, a produção do Espírito Santo foi estimada em 2.858 milhões de sacas, 18,01% inferior à produção de 2014 que foi de 3.486 mil de sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 162.352 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 17,60 sc/ha.

O decréscimo significativo previsto da produção de café arábica, deve-se ao fato de uma grande safra, a baixa remuneração recebida pelo produtor em 2013 e problemas climáticas devido às altas temperaturas e baixa precipitação pluviométrica de janeiro a março de 2014, na região Caparaó, sobretudo, nas plantações que se encontram de 500 a 700 metros de altitudes. A bienalidade pronunciada do café arábica, associados à instabilidade e baixos preços levaram a muitos produtores a diminuir as adubações, os tratos culturais e efetuarem podas intensas nas lavouras.

As lavouras têm potencial para o incremento da produção, devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores no programa de renovação e revigoramento de lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas.

O parque cafeeiro de arábica capixaba encontra-se envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. A dificuldade na renovação e revigoramento de lavouras, e, a realizarem adequadamente as adubações, dos tratos culturais e fitossanitários, deve-se ao fato da descapitalização dos cafeicultores, em função dos preços muito baixos pago pelo café, que está aquém do custo de produção para muitos cafeicultores.

Registra-se que por intermédio do uso dos resultados de pesquisa nas diferentes áreas do conhecimento desenvolvidos pelo Incaper, na renovação e revigoramento de lavouras, amparado pelo Programa Renovar Café Arábica, muitos produtores vêm alcançando produtividades acima de 60 sacas beneficiadas por hectare e produto final com qualidade superior.

4.2.2. Café Robusta

Para a segunda previsão de estimativa de safra 2014 de café robusta, a produção foi estimada em 9.350 mil de sacas, que representa o acréscimo de 13,87% em relação à safra 2013. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 285.003 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 32,81 sc/ha.

Para o café robusta em 2014, o acréscimo de produção deve-se ao fato do programa de renovação e revigoramento de lavouras, a baixa produção de 2013, o elevado vigor das plantas, a adequada florada e sua fertilização e, as condições climáticas favoráveis, sobretudo, na região norte do estado que é responsável por mais de 80% da produção do robusta capixaba. As lavouras possuem potencial para maior produção, mas os preços baixos e instáveis, levaram a muitos produtores a diminuir as adubações e os tratos culturais.

Registra-se que as lavouras apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há ainda, necessidade de melhoria e estabilidade de preços, uma vez que os produtores necessitam de recuperação de suas capacidades de investimentos e de se capitalizarem para aquisição dos insumos e realização adequadas dos tratos culturais e fitossanitários, seguindo as recomendações técnicas. As lavouras têm sido

renovadas usando as tecnologias das diferentes áreas do conhecimento, desenvolvidas pelo programa de pesquisa do Incaper que tem sido realizado desde 1985. Assim, na maioria do estado tem ocorrido muitas mudanças nos aspectos tecnológicos, referentes ao uso de variedades clonais, plantios mais adensados, a poda programada de ciclo, a irrigação, as melhorias nas estruturas de colheita, secagem, beneficiamento e armazenamento, em prol do aumento da produtividade, melhoria da qualidade e sobretudo, na sustentabilidade da atividade.

Muitos produtores seguindo as recomendações técnicas, têm alcançado produtividades superiores a 100 sacas beneficiadas por hectare e café com qualidade superior. Salienta-se ainda, que nos últimos 20 anos a produtividade e produção estadual aumentou cerca de 300%, colocando o Espírito Santo em destaque, como o maior produtor de café robusta do Brasil. Os 9,35 milhões de sacas representam cerca de 76% da produção nacional de cerca de 20% do café robusta do mundo.

Na Tabela 7 encontra-se a previsão de estimativa dos meses de colheitas para a safra de 2014. Verifica-se a maior concentração da colheita de café no Espírito Santo em maio, junho e julho. Aproximadamente 90% da colheita do café arábica se realizará em maio e agosto e mais de 90% da colheita de café robusta, em maio e junho.

Registra-se que essa é a segunda estimativa de produção para a próxima safra. Atualmente, os frutos nas lavouras, encontram-se na fase de maturação. Melhor aferição dos dados e dos resultados ocorrerá na terceira estimativa de safra, em agosto/setembro de 2014. Nessa época, serão mais bem avaliadas, as interferências do clima, uma vez que naquela época, mais de 85% do café do Espírito Santo já terá sido colhido.

4.3. São Paulo

Neste levantamento são apresentados os resultados da segunda campanha de levantamento da safra 2014 de café arábica, em São Paulo, apurados em abril de 2014, os quais diferentemente da primeira campanha, realizada em novembro de 2013, desta vez refletem os efeitos da anomalia climática que incidiu sobre os cinturões produtores.

Tendo em conta as repercussões da anomalia climática sobre as lavouras, observada no primeiro trimestre de 2014, neste levantamento procurou-se estimar a média da renda obtida pós-beneficiamento. Em ciclos de alta espera-se renda entre 20kg a 22kg de café verde por saca de 40kg de café coco beneficiado. Todavia, em razão da mencionada anomalia espera-se redução desse rendimento (por má formação/má granação/chochamento), estabeleceu-se percentual de correção do volume esperado (renda de 21kg) e para aquele produto efetivamente comercializado (renda média declarada – 19,1kg).

A estimativa de área ocupada com lavouras de café em São Paulo somou nesse levantamento 162.832 hectares cultivados, dos quais 152.665 hectares em produção e 10.167 hectares em formação. Enquanto as lavouras em produção exibem estande de 3.004pl/ha, as lavouras em formação alcançam as 3.914pl/ha, indicando que os cafeicultores estão adensando suas lavouras, visando, principalmente, o incremento da produtividade média obtida nesses talhões.

O levantamento estimou produção comercial de 4.233.800 sacas de 60kg de café beneficiado, representando incremento de apenas 5,58% frente à obtida na safra anterior, porém 4,68% abaixo da primeira estimativa da safra 2014 (levantamento de novembro/13).

No principal cinturão cafeeiro paulista, a Alta Mogiana como também no sudoeste paulista (Ourinhos/Avaré), os efeitos da anomalia climática não foram tão drásticos, comparativamente a outras regiões do estado (Mantiqueira de São João da Boa Vista e de Bragança Paulista). Esse fenômeno conferiu maior resiliência à produção total obtida no estado, que se manteve dentro daquela esperada para um ciclo de baixa.

Nesse levantamento constatou-se redução de 40,29% na área em formação frente à previsão final de 2014. Similar comportamento observou-se para as áreas erradicadas, que nesse levantamento somou 16.432 hectares, concentrando-se, em mais 85%, no extrato dos municípios sem expressão na cafeicultura paulista. Espera-se que tanto os novos plantios quanto a erradicação de talhões invertam suas tendências, com a consolidação de cenário otimista para a remuneração obtida pelo produto nessa e na próxima safra.

4.4. Bahia

Nesta segunda estimativa da previsão de safra cafeeira na Bahia, a ser colhida em 2014, verificou-se que o parque cafeeiro demonstra claramente os efeitos da seca, pela qual tem passado e mesmo com as chuvas ocorridas mais recentemente e que também não têm sido regulares nos diversos municípios produtores de café, os resultados aparecerão no momento da colheita que já se iniciou. A área total cultivada (em formação e em produção) com café no estado, totaliza 147.005,5 hectares, praticamente a mesma cultivada na safra anterior.

Como muitas lavouras velhas de robusta foram substituídas e nas regiões produtoras de arábicas, houve muitas áreas podadas de forma mais drásticas para forçar sua recuperação e utilizar menos insumos, já que os preços do café não satisfazem os produtores, a atual safra apresenta um incremento em relação à colhida, estimado no momento em 10,2%, ou seja, passando de 1.803,3 mil sacas colhidas em 2013, para 1.987,3 mil sacas na nova safra.

As lavouras podadas permanecem se recuperando bem com as chuvas mais normalizadas na maioria das regiões produtoras, podendo evoluir para produções maiores nas próximas safras, embora, ainda sofra os efeitos dos preços praticados no mercado, o que reflete em menor uso de insumos e tendência ao abandono de áreas, como consequência do desânimo de muitos produtores com a cultura, os quais passam a procurar outras alternativas.

Região do Cerrado

Localizada no oeste da Bahia, a Região do Cerrado, apresenta para esta safra 2014, uma área total cultivada de 14.910,5 hectares de café arábica, totalmente irrigada pelo sistema de pivô central, destacando-se como lavoura que emprega a mais alta tecnologia disponível, atingindo as melhores produtividades do país, a exemplo das áreas irrigadas de outros estados produtores.

Estas condições técnicas, aliada a um solo plano, permitem que a colheita que é toda mecanizada se concentre quase que totalmente em maio, com uma expectativa de que se possa atingir em torno de 456.600 sacas, ou seja, uma produtividade de 38,5 sc/ha, descontados os 3.052 hectares da área em formação e/ou recuperação, o que seria um incremento de 14,49% na produção em relação à safra anterior.

A qualidade do café produzido no cerrado baiano permite que o produto seja

colocado com maior facilidade no mercado externo, o que valoriza e favorece a comercialização do produto, que é complementada pela demanda mais exigente do mercado interno.

Região do Planalto

Esta região, abrangida em sua maioria pelo semiárido baiano, passou por um longo período de 3 anos de seca, o que afetou seriamente a planta e compromete a sua produtividade para esta e as próximas safras. Aquela área já contava com uma lavoura deficiente, por conta dos baixos preços do produto que não compensavam ao produtor investir em melhorias, agora precisará de novos investimentos para sua recuperação. Regiões tradicionais produtoras de café de qualidade, como a Chapada Diamantina, terá que investir na recuperação da cultura, para voltar a produzir um dos melhores café brasileiro. A produção para a região está estimada em 761,2 mil sacas, com uma produtividade de 7,73 sc/ha.

Região do Atlântico

Região localizada no extremo sul baiano, composta pelos municípios que se situam em torno do Município de Ilhéus e Eunápolis, a cultura predominante é do café robusta, o qual, com a grande influência de agricultores capixabas, vem sendo incrementada nos últimos anos em que o produto daquela variedade passou a ser melhor remunerado. Nessa região que abrange o litoral, onde se produz o café de sequeiro o clima foi mais razoável e existem boas perspectivas de safras para este ano, podendo atingir um volume de 769,5 mil sacas.

4.5. Paraná

A estimativa da área cultivada com café no Paraná é de 58.040 hectares confirmando a diminuição de quase 30% dos 81.960 hectares existentes no fechamento da safra 2013. Lembrando que esta redução é reflexo da forte crise de renda que os cafeicultores sofreram a partir da safra 2012 sendo agravada em 2013 onde os preços recebidos ficaram abaixo do custo de produção, aliada à dificuldade em gerenciar atividade com grande dependência de mão de obra e as fortes geadas que atingiram a maioria das lavouras do estado em julho do ano passado.

A área em produção está estimada em 34.335 hectares, ou seja, apenas 59% da área total terá alguma produção nesta safra sendo que os 41% restante está em formação predominado nestas áreas as lavouras que sofreram com as geadas e que em sua maioria foram manejadas com podas e, portanto, não terão colheita este ano. Segundo dados apurados na pesquisa objetiva por amostragem realizada em dezembro de 2013, os 23.705 ha que se encontram em formação em assim distribuídos: 8% lavouras “novas” (< 3 anos), 15% lavouras decotadas (poda leve), 21% lavouras “recepadas” (poda baixa) e 56% lavouras “esqueletadas” (poda lateral).

A previsão de produção para 2014 foi ajustada para 545 mil sacas de 60kg, volume 67% menor em comparação aos 1.650 mil sacas colhidas em 2013, sendo os principais fatores: a redução da área, as geadas e a diminuição dos tratos culturais em função dos baixos preços recebidos pelos cafeicultores nos últimos dois anos.

A prolongada estiagem e altíssimas temperaturas registradas no primeiro trimestre deste ano, período de plena frutificação das lavouras fase de maior necessidade de

regularidade hídrica para formação normal dos grãos, provou redução de cerca de 15% na produção em relação ao informado no primeiro levantamento realizado em dezembro/13 quando a expectativa era colher entre 610 a 670 mil sacas. O maior percentual de perda pela falta de chuvas ocorreu na área cultivada nos municípios do Núcleo Regional da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (SEAB) de Jacarezinho no Norte Pioneiro principal região produtora do Estado responsável por 49% da área de 60% da produção esperada nesta safra.

A colheita da safra 2014 teve início em algumas regiões, atingindo 5% até o dia 28 de abril devendo se intensificar a partir da segunda quinzena de maio, sendo que 43% da produção encontra-se em maturação. As condições das lavouras são consideradas boas em 45% da área, média em 41% e ruim em 14%, levando-se em consideração o clima e os tratos culturais conforme relatório de previsão de safras subjetiva de abril, pesquisado pelo DERAL. A estiagem e altas temperaturas que comprometeu a produção da atual safra também deverá afetar o potencial da produção para 2015, uma vez que o crescimento dos ramos responsáveis pela produção futura ficou abaixo do normal, conforme constatado em avaliação feita no campo pela assistência técnica das cooperativas e da Emater, mas que ainda não é possível quantificar estas perdas.

Mesmo com menor produção neste ano, a escassez e a baixa qualificação da mão de obra preocupa os cafeicultores neste início da safra, uma vez que as despesas com a colheita e secagem representa o maior desembolso do custo de produção, sem falar das exigências trabalhistas no meio rural que dificulta a administração da atividade. Quanto menor for o rendimento da lavoura (saca/ha) maior é o custo por saca para colheita e secagem, e nesta safra a produtividade será baixa em grande parte das lavouras, em média 38% menor que a obtida na última safra. Ainda com relação à mão de obra é preocupante a falta de sucessão familiar, havendo pouca informação da atividade agropecuária pelos filhos mais jovens, o que sem dúvida afeta o processo de renovação e inovação tecnológica com maior mecanização, o qual exige melhor qualificação dos produtores e trabalhadores.

Após um período de forte retração nas vendas por parte dos produtores, atingindo apenas 53% até dezembro/13, o mais baixo já observado, o índice de comercialização da safra passada evoluiu para 90% em abril/14. A expressiva recuperação dos preços no mercado físico a partir de janeiro, com aumento de 88% se comparado o valor médio recebido em novembro/13 (R\$ 203,07/sc60kg) com o de abril/14 (R\$381,77/sc60kg) motivou os produtores a aproveitar o bom momento para aumentar o volume de vendas da produção que estava armazenada aguardando reação nos preços. Os atuais preços melhora muito o ânimo dos produtores dispostos em investir em tecnologia e renovação das lavouras.

4.6. Rondônia

Distante dos demais estados produtores, Rondônia se dedica a produção de café Robusta da variedade Conilon (*coffea canephora*) por ser a que mais se adaptou a região. Conta com 21.500 produtores, a maioria constituída de integrantes da agricultura familiar, ou seja, distribuídos em pequenas propriedades. O estado é o sexto maior produtor de café do Brasil e o segundo maior produtor de robusta.

O sistema de produção utilizado pela maioria dos produtores é caracterizado pelo baixo uso de tecnologia e insumos. Tais fatores, aliados à baixa qualidade do produto, têm feito com que os cafeicultores do estado sejam pouco competitivos em relação aos

produtores de outros estados do Brasil.

Todavia, dada a importância da cafeicultura, uma vez que está presente em quase todos os municípios, torna-se necessário que esta seja conduzida de forma racional e que sejam envidados esforços para a superação dos fatores que tanto têm determinado as condições desfavoráveis à cafeicultura de Rondônia.

O regime das chuvas, a partir de agosto/2013, favoreceu o desenvolvimento das floradas e frutificação das lavouras, o que refletirá em incremento de produtividade da safra a colher em 2014, em relação à safra colhida em 2013

O atual levantamento indica que a safra a colher em 2014 (1.624.968 sacas) é 19,75% superior à colhida em 2013 (1.357.020 sacas), enquanto que a produtividade crescerá 24,17% (13,2 sacas/ha em 2013 e 16,39 sacas/ha em 2014). Tais incrementos se devem a maiores investimentos em tratos culturais, utilização de materiais clonais e condições climáticas favoráveis por ocasião das floradas e enchimento dos grãos.

As áreas de café estão dando lugar às de pastagens, reflexos da nítida escassez de mão de obra, elevados custos de produção, baixa produtividade das lavouras, dentre outros, associados aos preços pouco atrativos do café, que têm levado os cafeicultores a migrarem para outras atividades.

Por fim, cabe ressaltar que cerca de 5% dos produtores estão adotando tecnologias e práticas culturais como o emprego de cultivares melhoradas, controle fitossanitário, adubação, irrigação, condução de copa, boas práticas de colheita e pós - colheita, que têm possibilitado a obtenção de elevadas produtividades e um produto de boa qualidade, a um custo compatível com a exploração da lavoura, conseqüentemente de forma mais lucrativa.

4.7. Goiás

Em Goiás, onde as lavouras são de maior porte e estão concentradas em regiões distintas, foi possível visitar diversas propriedades rurais, cooperativas e empresas agrícolas as quais detêm as informações necessárias à realização da quantificação e estimativa da safra de café daquele estado.

Foi possível apurar uma área total de 7.749,3 hectares plantados com a cultura de café do tipo *caffea arabica* L., sendo que, deste total, 6.024,3 hectares estão em produção e 1.725 hectares encontram-se em formação. Nesta área, o número total estimado de covas é de 34.523.400, sendo que 27.826.800 covas estão em produção e 6.696.600 covas em formação, ou seja, aproximadamente 81% das covas estão em produção e 19% em formação.

A conclusão é de que foram produzidos um total aproximado de 265.500 sacas de café arábica de 60kg na safra 2013 e estima-se que sejam produzidas 261.800 sacas na safra 2014, no estado. Esta redução se deve aos seguintes fatores levantados: redução nos gastos com tratos culturais, erradicação de áreas devido aos baixos preços recebidos pelo produtor nos anos anteriores, idade avançada de cafezais em alguns municípios e erradicação por concorrência com culturas mais rentáveis, principalmente em áreas sob pivô central. Ocorreram em algumas áreas importantes o esqueletamento e a recape dos cafezais.

De acordo com informações levantadas, as pragas que mais atingem os cafezais da região são: o bicho mineiro e ácaros. Quanto às demais doenças, as principais são: ferrugem do cafeeiro e a phoma (fúngicas). Não se constatou qualquer área de café

robusta e, dentre as variedades do café arábica predomina a catuí (90%) e outras como acaíá, topázio e outros (10%).

O número médio de covas por hectare (adensamento) é de 3.800; o financiamento é próprio em quase que 100% dos casos e a participação (percentual) do café na renda total do produtor na região está entre 30% a 40%. O padrão tecnológico é alto (praticamente 100%), sendo que a idade das lavouras de café em média está entre 7 a 9 anos.

5. Aspectos fisiológicos do cafeeiro – estresse abiótico

A planta café pertence à família Rubiaceae, gênero *Coffea*. Tal gênero é constituído de 66 espécies separadas em quatro seções, isto é, *Eucoffea*, *Mascarocoffea*, *Paracoffea* e *Argocoffea*. A seção mais importante é *Eucoffea*, possui cinco subseções, das quais *Erythrocoffea* é a mais importante comercialmente, pois abrange as principais espécies cultivadas, *Coffea arabica* L. (café arábica) e a *Coffea canephora* Rerre ex Pierre (café conilon/robusta).

Dentre mais de 100 espécies de café existentes, *Coffea arabica* e *Coffea canephora* respondem por quase todo o café produzido e comercializado no mundo. Individualmente, o café Arábica representa mais de 60% da produção mundial, sendo cultivado em regiões mais frias, geralmente com altitudes superiores a 500 metros, responsável pela produção de cafés mais finos, com melhor aroma e sabor. O café Conilon, responde por aproximadamente, 40% da produção mundial, adaptado a regiões mais quentes e a altitudes inferiores a 500 metros, apresenta bebida neutra, sendo utilizado na produção de café solúvel e nas misturas com café Arábica.

Atualmente, mais de 75,1% da produção brasileira de café é derivada de cultivares Arábica e o restante café Conilon (Conab, 2014). Os fatores que influem sobre a produtividade dos cafezais, no Brasil, são principalmente, econômico conjunturais, climáticos e referentes ao manejo da cultura. Quanto as condições climáticas, destaca-se o efeito da temperatura, restrição hídrica, geadas e veranicos.

Estádios fenológicos

O cafeeiro leva dois anos para completar o ciclo fenológico de frutificação, ao contrário da maioria das plantas que completam o ciclo reprodutivo no mesmo ano fenológico. No primeiro ano, formam-se os ramos vegetativos, com gemas axilares nos nós, que serão induzidos a se transformarem em gemas reprodutivas, sendo esse processo determinado por condições ambientais. O segundo ano fenológico inicia-se com a florada, formação dos chumbinhos, que precede a expansão dos grãos até atingir o tamanho normal. Em seguida ocorre a granação dos frutos e a fase de maturação.

Estresse hídrico e temperatura elevada

De maneira geral, pode-se considerar que as fases fenológicas dos cafeeiros Arábica e Conilon mais exigentes em suprimento hídrico são: **vegetação e formação de gemas foliares; florada e granação dos frutos**. Os níveis de danos à cafeicultura, devido a restrição hídrica, dependerão do estágio fenológico da cultura. Quando o déficit hídrico é muito acentuado, as plantas apresentam murchamento, desfolha, seca dos

ramos, deficiências nutricionais e favorecimento de pragas e doenças.

Os prejuízos no cafeeiro, causados por falta de água, são de quatro categorias: a) perdas no desenvolvimento da planta e na produção de frutos; b) Tamanho dos frutos (peneira média); c) tipo do café; d) Rendimento e côco - beneficiado.

A temperatura ambiente elevada associada a um intenso deficit hídrico, durante o início da florada, provoca a morte dos tubos polínicos pela desidratação das flores, causando o abortamento das flores, resultando nas conhecidas “estrelinhas”. Após a fecundação, desenvolve-se os chumbinhos e a expansão dos frutos. Essa etapa compreende entre os meses de setembro a dezembro. Havendo estiagem forte nessa fase, poderá haver prejuízo no crescimento dos frutos e resultando na ocorrência de peneira baixa.

A fase de granação (janeiro a março) é caracterizada por alta demanda de carboidratos, onde os líquidos internos solidificam-se e ocorre a formação dos grãos. Temperaturas relativamente elevadas e estiagem severa nesse período podem limitar a fotossíntese do cafeeiro, ocasionando queda na produção de frutos; frutos mal granados, que causam defeitos preto, verde e ardido, como também o chochamento de frutos.

O decréscimo na fotossíntese, causado pelo deficit hídrico, ocorre pela limitação de CO₂, bem como seu transporte para a folha, resultante do fechamento dos estômatos ou através de um efeito direto sobre a capacidade da fotossintética nos cloroplastos. O controle estomático da transpiração é considerado o principal processo determinado à resposta em curto prazo de uma planta a condições de seca, e afeta diretamente a absorção de água do solo, o potencial hídrico e o transporte de solutos.

Os principais mecanismos fisiológicos de tolerância diferencial à seca são governados pela eficiência de extração da água do solo e pelas taxas de uso da água pelas plantas. As plantas que mantêm a produção em condições de seca são capazes de manter potenciais hídricos foliares adequados, por meio da combinação do aprofundamento do sistema radicular e aumento do controle estomático.

Algumas características bioquímicas também são importantes para o aumento da tolerância ao estresse hídrico, entre elas, a manutenção da capacidade de transporte de fotoassimilados da parte aérea para as raízes, que pode permitir maior crescimento radicular, dessa forma, maior acesso a horizontes mais profundos do solo, de modo a aumentar a absorção de água.

Chuva excessiva ou excesso hídrico prolongado

O cafeeiro não tolera solos sujeitos a encharcamentos. Caso ocorram 3 a 4 meses de chuvas intensas, o solo, encontrando-se com pouca aeração, favorecerá a falta de oxigenação no sistema radicular, levando a clorose generalizada.

A persistência do encharcamento poderá ocasionar o apodrecimento das raízes, levando a planta à morte. Durante o período de recuperação do crescimento das gemas florais, após quebra da dormência que, no Brasil, normalmente se estende de agosto

outubro, a ocorrência de chuvas pesadas e contínuas pode resultar em anomalias florais de vários tipos.

Geadas

O cafeeiro da espécie Arábica é uma planta pouco tolerante ao frio. A ocorrência de frio, mais ou menos intenso, e a ameaça contínua de geadas constituem um dos problemas para a cafeicultura brasileira, limitando o cultivo em diversas áreas. As temperaturas muito baixas e as geadas provocam danos parciais ou totais à planta, exigindo um período prolongado para a recuperação.

As folhas das plantas danificadas por resfriamento mostram inibição da fotossíntese, translocação mais lenta de carboidratos, taxas respiratórias mais baixas, inibição de síntese proteica e aumento da degradação de proteínas existentes. A partir de -2°C inicia os danos celulares, quando a temperatura no tecido foliar atinge -3°C a -4°C , ocorre a morte celular. Temperaturas inferiores a -2°C , próximo ao solo, ocorre morte dos tecidos, ocasionando o dano conhecido como “geada de canela”.

A geada típica de radiação/geada branca provoca o dano mais intenso das partes expostas à perda de calor. Dependendo da intensidade, ocorre o dano conhecido como “geada de capote”, em que a parte superior da copa exposta à perda direta de calor atinge o limiar de dano. Este tipo de geada normalmente requer a poda dos ramos atingidos.

Durante o deslocamento de massas polares, pode ocorrer ventos frios que causam a “geada de vento” ou “geada negra”, principalmente na face exposta aos ventos. Independente da formação ou não de cristais de gelo na parte externa da planta (geada branca ou negra), a ação das geadas se dá pela formação de cristais de gelo nos espaços intercelulares. Como o gelo é formado por água pura, haverá um aumento na concentração intercelular, que forçará a retirada de água de dentro das células. Se a parede celular for permeável e tiver boa elasticidade, a célula poderá perder água e se recuperar posteriormente, caso contrário poderá haver rompimento da parede, levando a célula à morte.

Café Conilon

O café Conilon apresenta uma redução na condutância estomática com a redução da disponibilidade hídrica, no entanto, ocorre uma rápida recuperação da hidratação foliar e da condutância estomática. Tal comportamento parece ser de grande importância na determinação do rápido restabelecimento do crescimento e do desenvolvimento da copa do café após períodos de seca, e atesta o maior grau de tolerância a seca ao café Conilon.

Os principais componentes da adaptação diferencial à seca do café Conilon parecem ser comportamentais, sendo possivelmente, governados pelas taxas de uso da água e/ou pela eficiência de extração da água do solo. Avaliações fisiológicas sugerem que clones com produção relativamente elevada, sob estresse hídrico, o fazem via manutenção de status hídrico adequado (via de combinação de sistemas radiculares profundos e controle estomático satisfatório da transpiração) e manutenção da área foliar.

O café Conilon mantém a capacidade de exportação, durante a restrição hídrica, mantendo o transporte de fotoassimilados da parte aérea para as raízes, que favorece o crescimento radicular e permite o acesso aos horizontes mais profundos do solo, aumentando a absorção de água.

As características bioquímicas, também colaboram para a manutenção da produção do café Conilon em ambientes sujeitos a restrição hídrica, com a existência de um sistema oxidativo. Ocorre um aumento na atividade de enzimas antioxidantes (superóxido dismutase, catalase e ascorbato peroxidase) sob deficit hídrico, sugerindo que essas enzimas promovem uma proteção das células e compartimentos subcelulares dos efeitos citotóxicos do estresse oxidativo.

6. Monitoramento agrícola via satélite

O mapeamento da cultura do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. A localização das áreas de cultivo permite quantificar, acompanhar a dinâmica do uso do solo e auxiliar no monitoramento agrometeorológico.

No monitoramento, dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para os principais estados produtores, há uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

	Baixa restrição Falta de chuva	Média restrição Falta de chuva	Alta restrição Falta de chuva
			
Favorável	Baixa restrição Excesso de chuva	Média restrição Excesso de chuva	Alta restrição Excesso de chuva
			
	Baixa restrição Geadas	Média restrição Geadas	Alta restrição Geadas
			

Nas Figuras 1 a 9, Mapas 1 a 7 e Gráficos 1 a 4 verificam-se os dados utilizados no monitoramento do café.

Figura 1 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em setembro de 2013

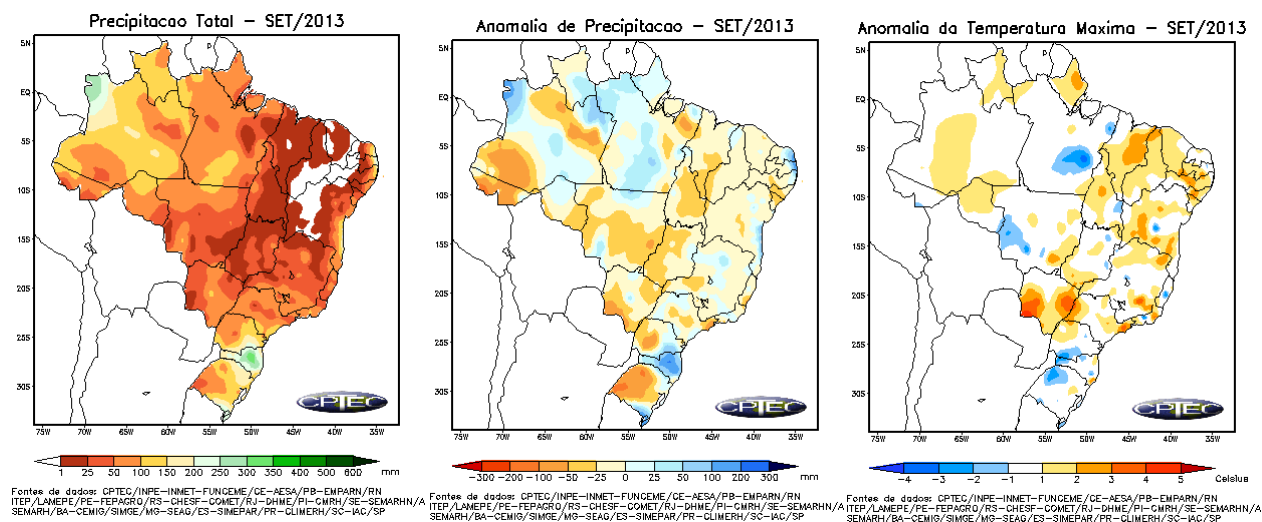


Figura 2 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em outubro de 2013

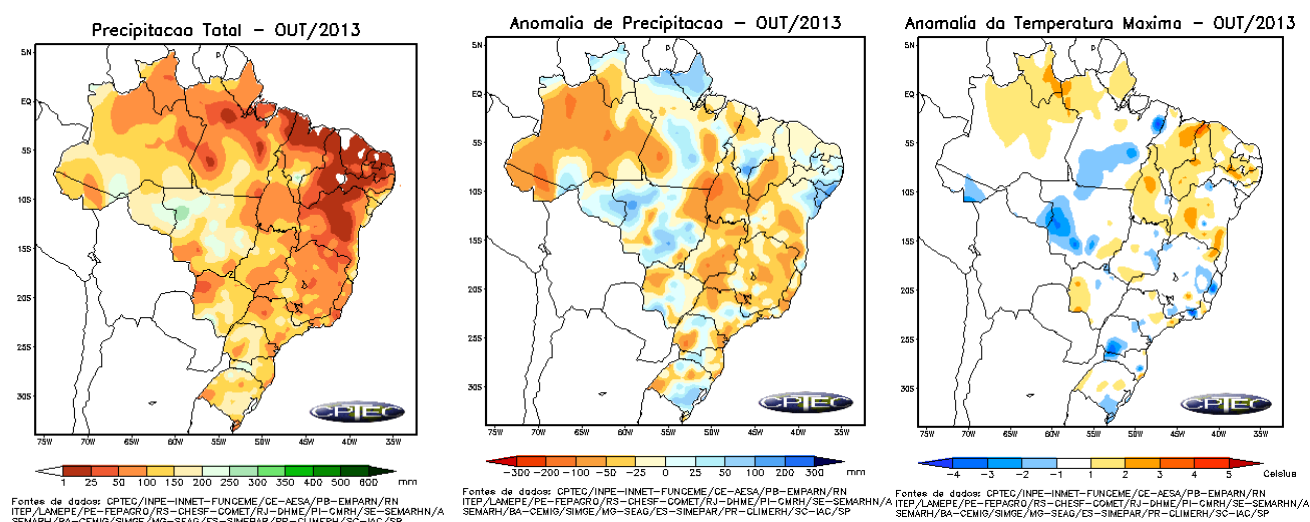


Figura 3 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em novembro de 2013

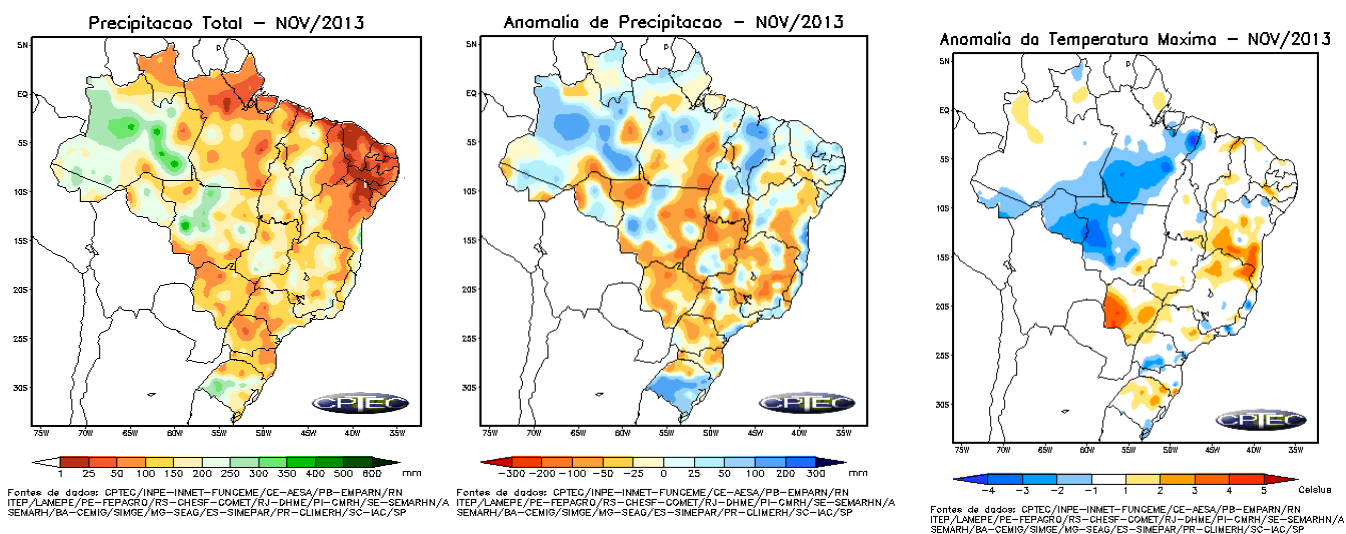


Figura 4 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em dezembro de 2013

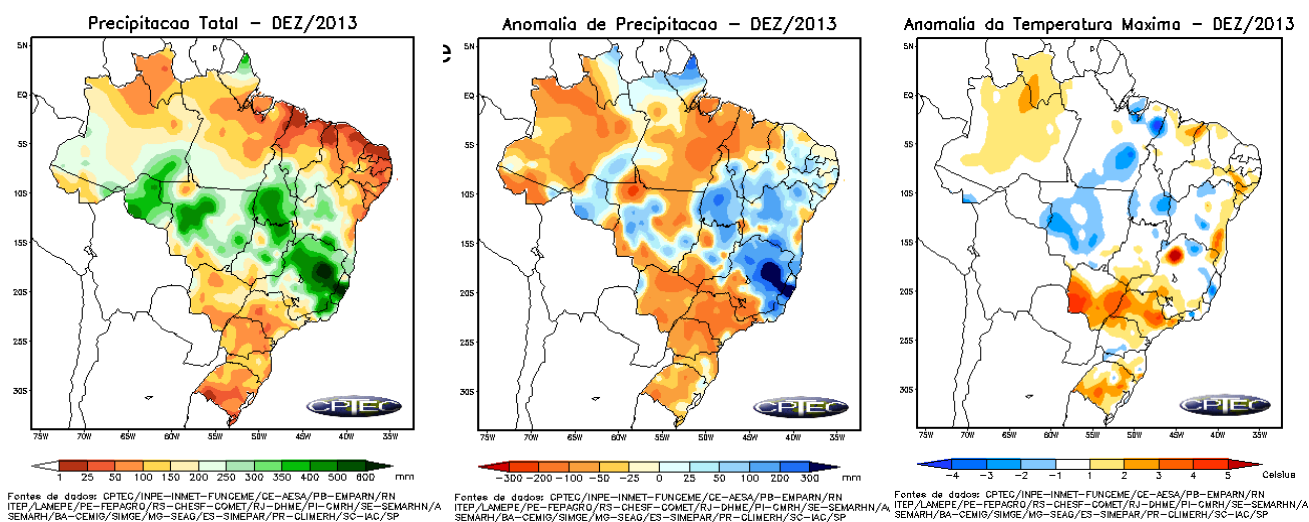


Figura 5 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em janeiro de 2014

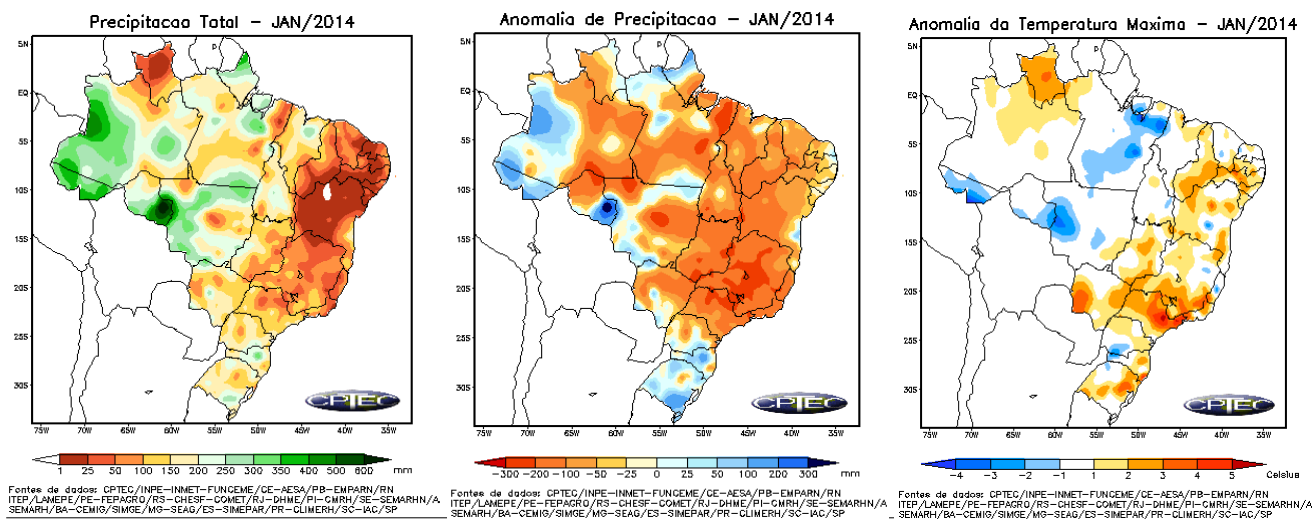


Figura 6 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em fevereiro de 2014.

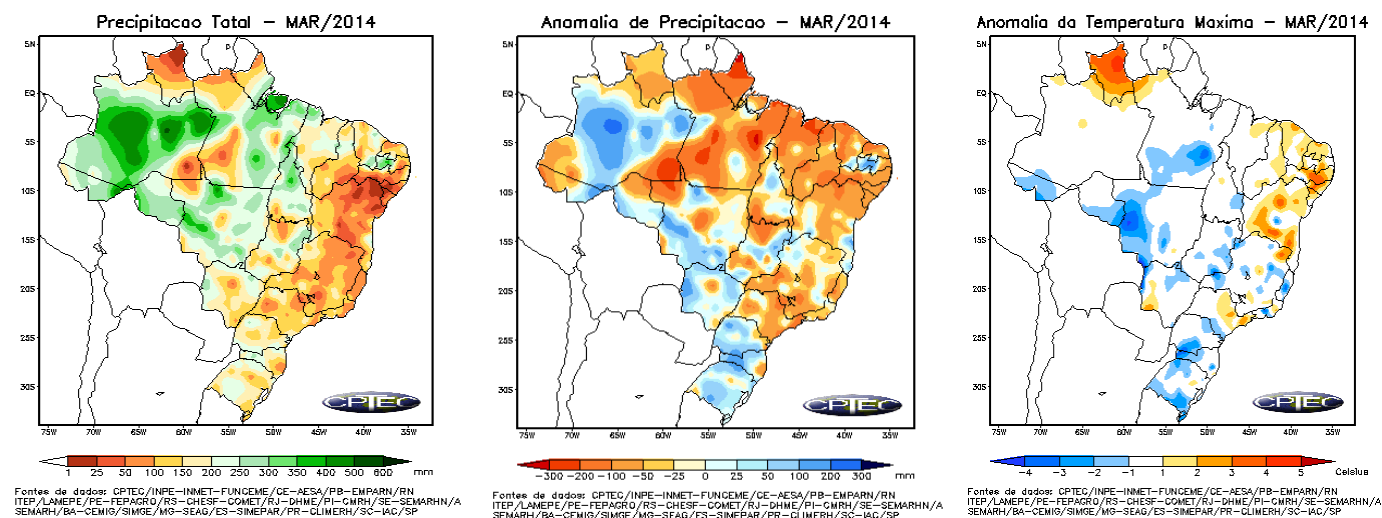


Figura 7 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em março de 2014

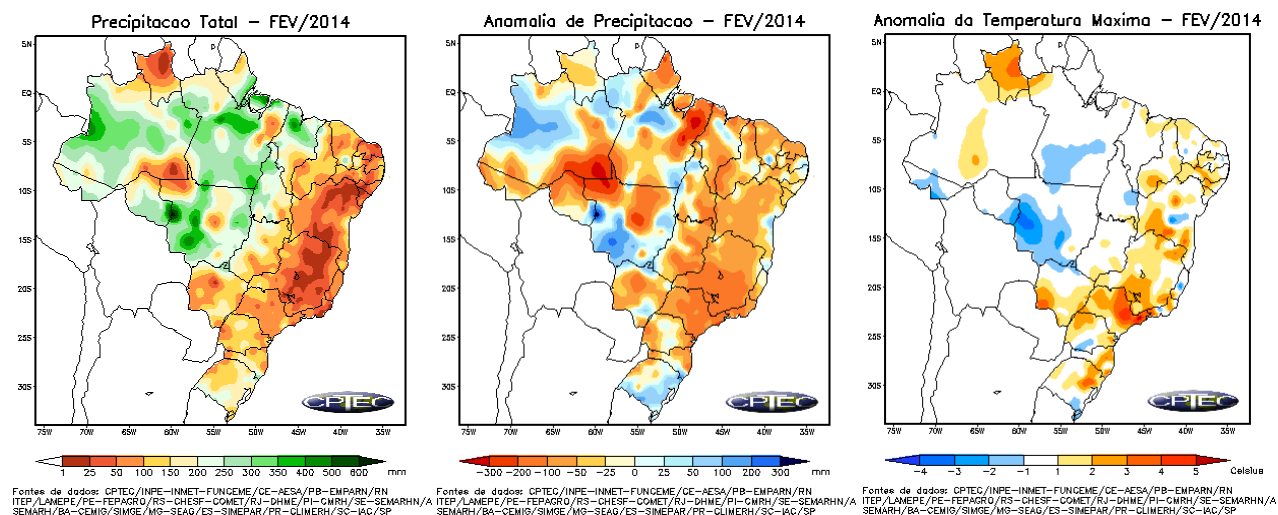
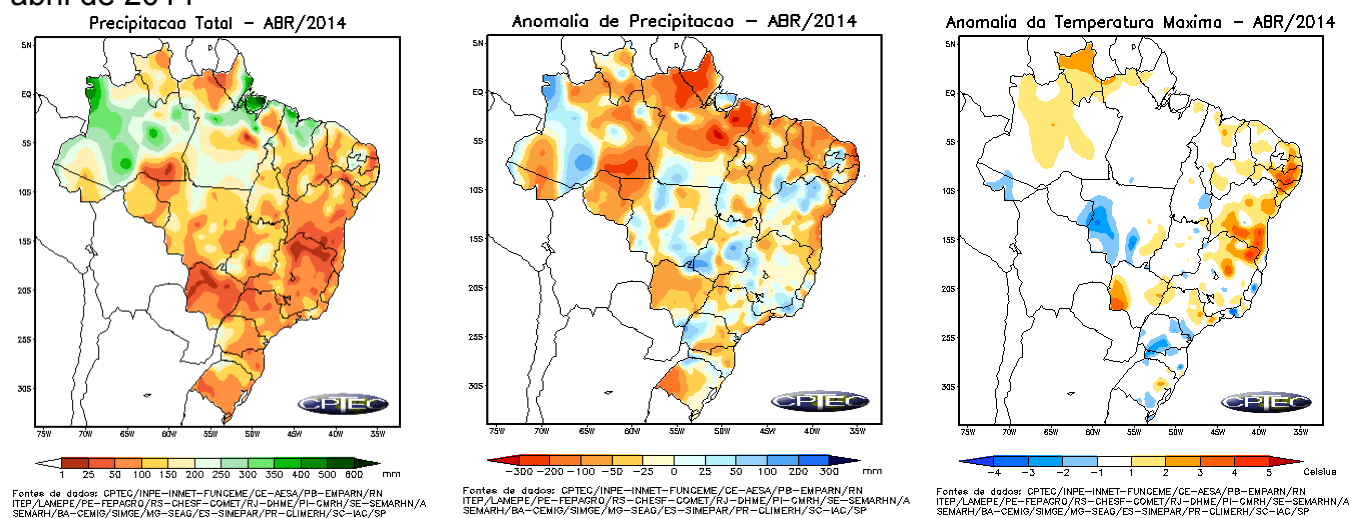


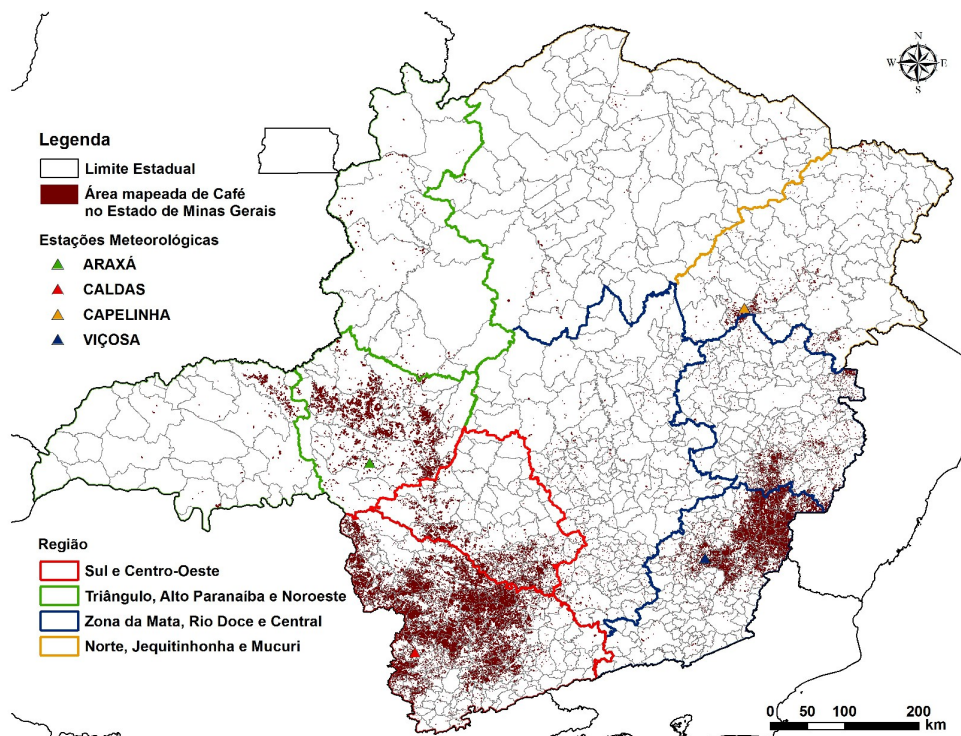
Figura 8 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em abril de 2014



Minas Gerais

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos em Minas Gerais. O mais atual teve como base as imagens do sensor LISS3 do satélite indiano IRS P6, e foi validado por meio de imagens *RapidEye*, de alta resolução espacial. O resultado final do trabalho mostra que o mapeamento avaliado apresenta uma boa qualidade, com precisão geral de 90,3%.

Mapa 1 – Mapeamento do café em Minas Gerais

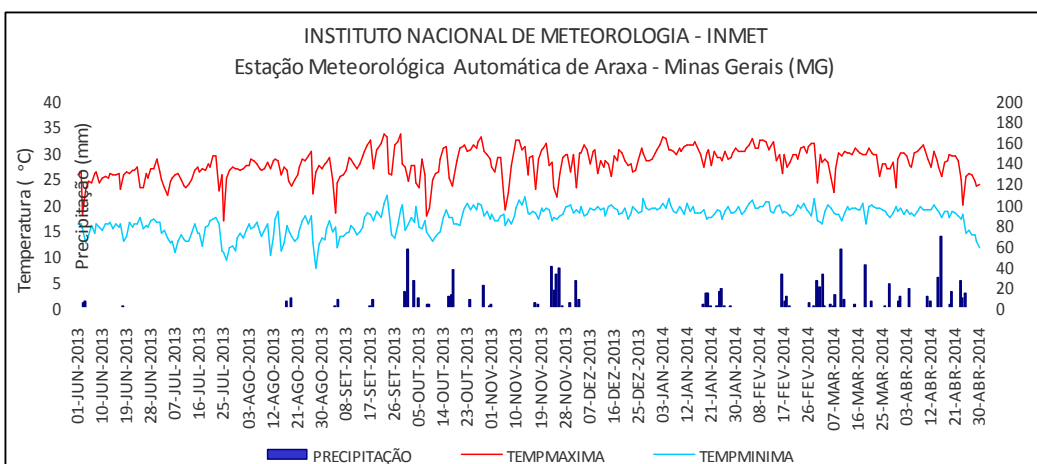
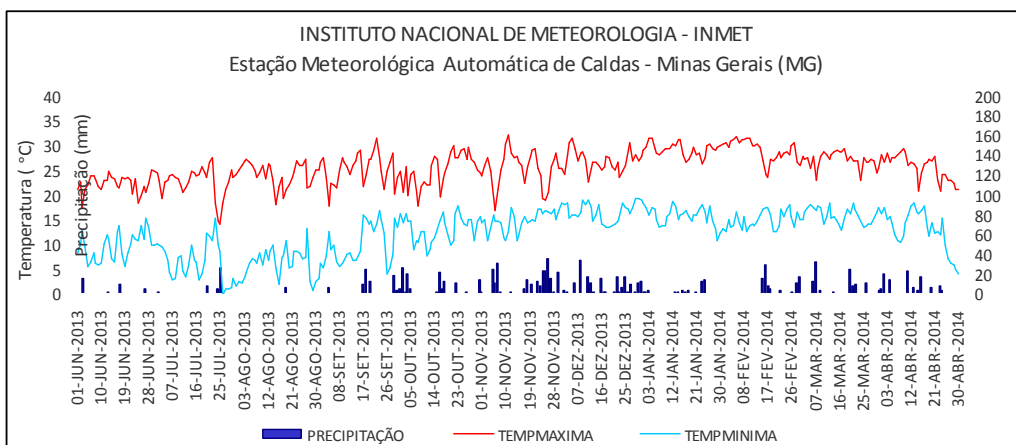
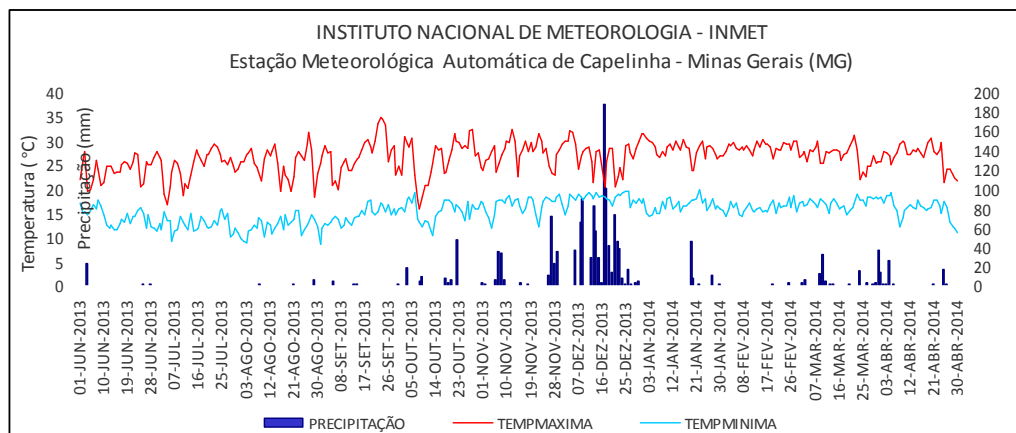


Na Tabela 1, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Minas Gerais. Na Zona da Mata, Rio Doce e Central, verifica-se um impacto por excesso de chuva em dezembro (Figura 4). A estação meteorológica de Capelinha (Gráfico 1), localizada ao norte, registrou 188 mm de chuva no dia 17 de dezembro.

Já em janeiro e fevereiro, foi observado outro cenário, com chuvas abaixo da média e altas temperaturas que comprometeram os cafezais em estágio crítico de granação dos frutos (Figuras 5 e 6). Através das estações meteorológicas (Gráfico 1), verifica-se baixo volume de chuva nesses meses. Além disso, as altas temperaturas podem ser observadas através da linha de temperatura máxima.

Em março, houve regiões que ainda sofreram com restrição hídrica, porém com menor intensidade quando comparado à estiagem dos meses anteriores (Figura 7). Em abril, não foram observados eventos anormais (Figura 8).

Gráfico 1 – Estações meteorológicas do INMET em Minas Gerais



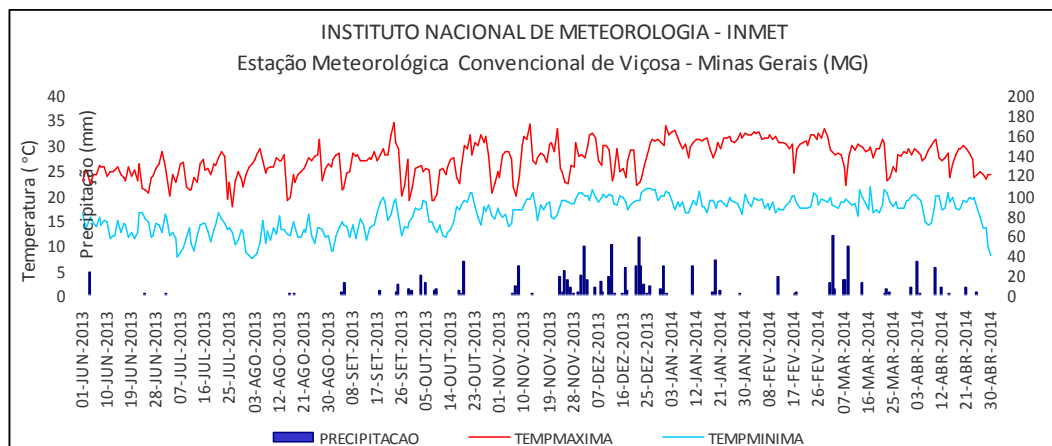
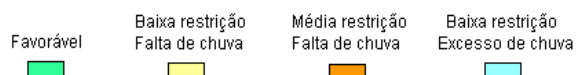


Tabela 1 – Monitoramento agrometeorológico no período de setembro a abril com impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

		Minas Gerais											
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Minas Gerais	Sul e Centro-Oeste	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	M	M	M/C	C	C
	Triângulo, Alto Paraíba e Noroeste		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Murici		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C

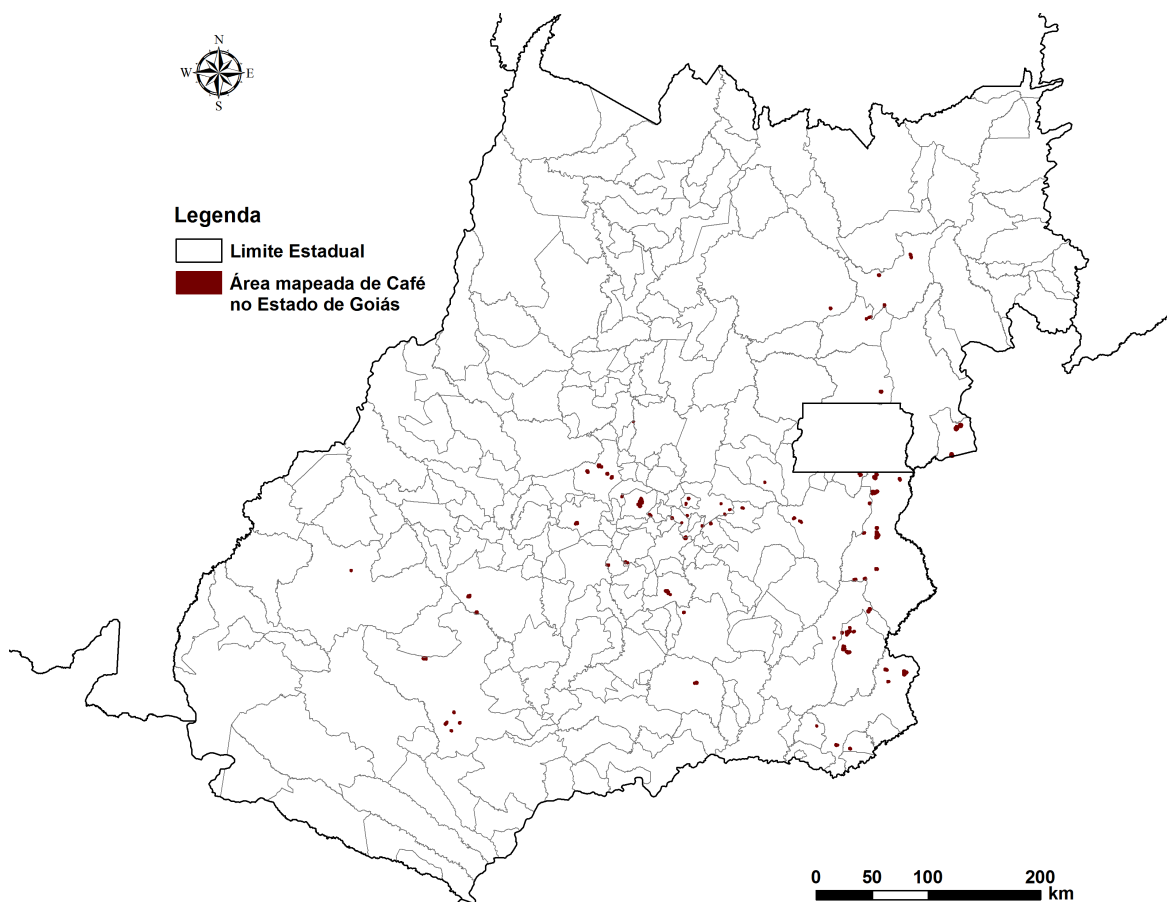
*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos furtos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Goiás

Em Goiás, foi realizado um primeiro mapeamento em 2013 com o uso de imagens *Landsat 8* e com pontos georreferenciados nas propriedades.

Mapa 2 – Mapeamento do café em Goiás



Na Tabela 2, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Goiás. A ausência de eventos climatológicos extremos se traduziu em normalidade da produção.

Tabela 2 – Monitoramento agrometeorológico no período de setembro a abril com impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás												
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

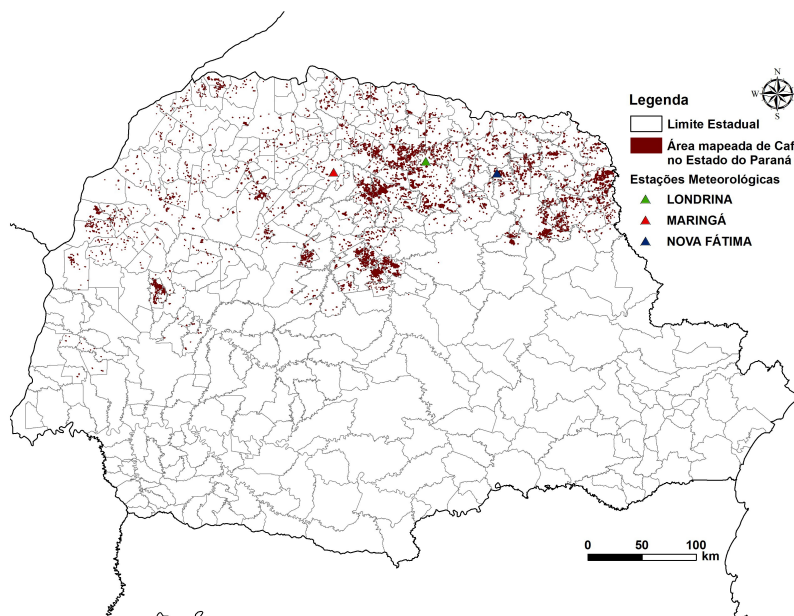
Favorável



Paraná

No Paraná, foram realizados dois mapeamentos com o uso de imagens *Landsat 5*. A verificação da eficácia do mapeamento ocorreu por meio da coleta de pontos georreferenciados em campo.

Mapa 3 – Mapeamento do café no Paraná



Na Tabela 3, verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Paraná. Além dos efeitos da restrição hídrica de dezembro a fevereiro, período no qual houve registro das maiores temperaturas máximas (Gráfico 2), o potencial produtivo foi afetado por geadas ocorridas em 2013.

Na região cafeeira ao norte do estado, a geada de maior relevância ocorreu no 3º decêndio de julho. Pelas estações meteorológicas, as menores temperaturas mínimas foram observadas nesse período (Gráfico 2). No dia 24 de julho, a temperatura mínima chegou a ser negativa na maior parte do estado segundo o IAPAR (Figura 9).

Figura 9 – Temperatura mínima diária em 23 e 24 de julho de 2013

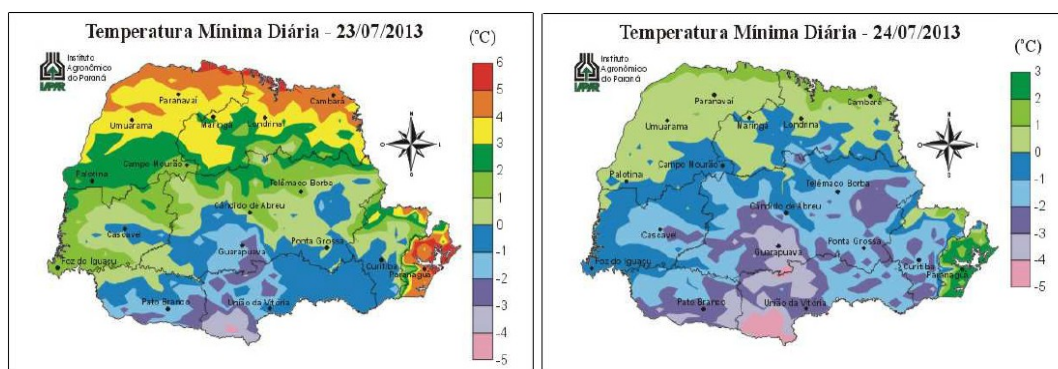


Gráfico 2 – Estações meteorológicas do INMET no Paraná

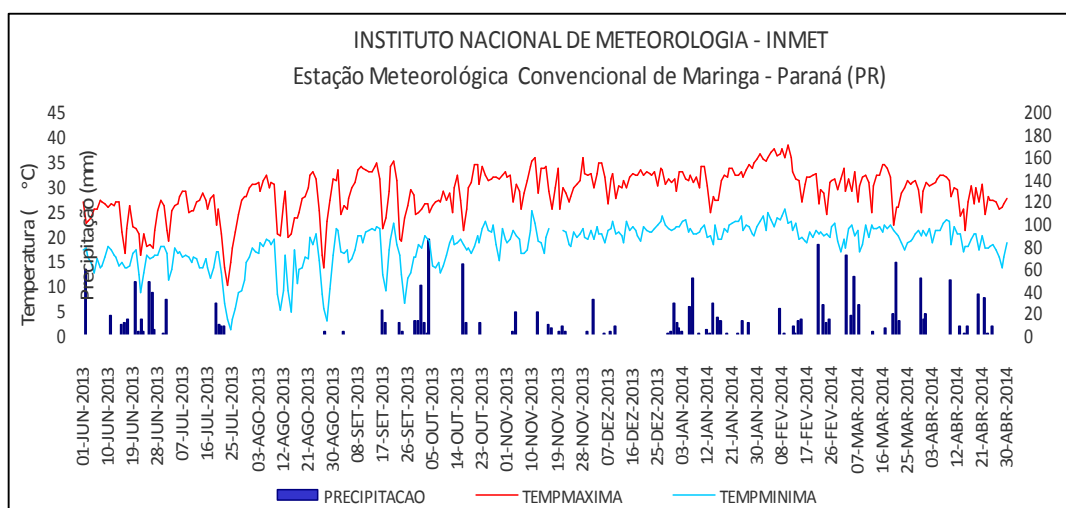
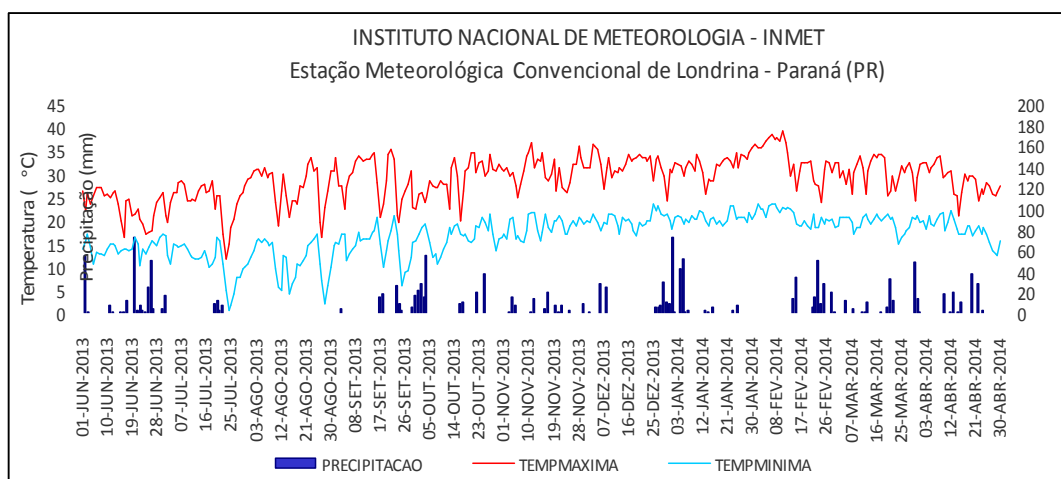
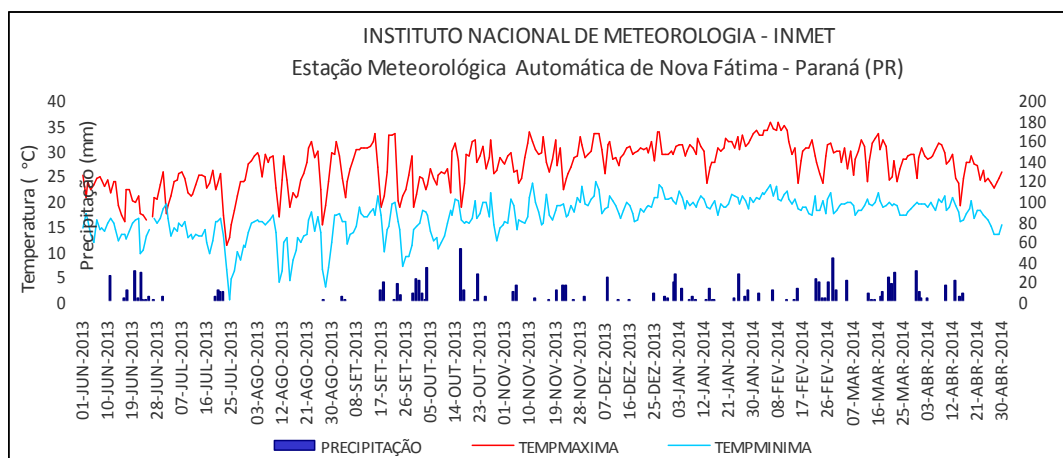


Tabela 3 – Monitoramento agrometeorológico no período de julho a abril com impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná														
Meses	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases	R	R	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

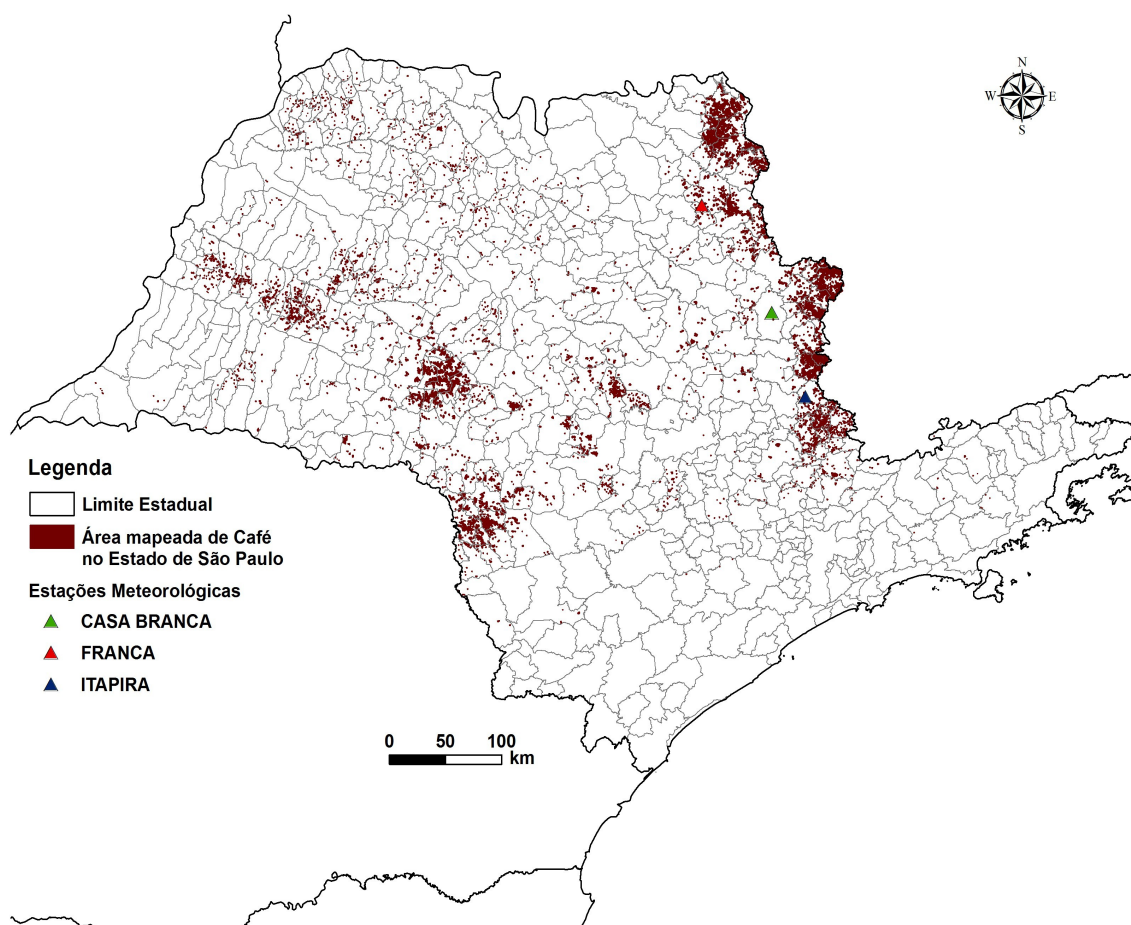
Favorável	Baixa restrição Falta de chuva	Média restrição Falta de chuva	Média restrição Geadas
			

* (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

São Paulo

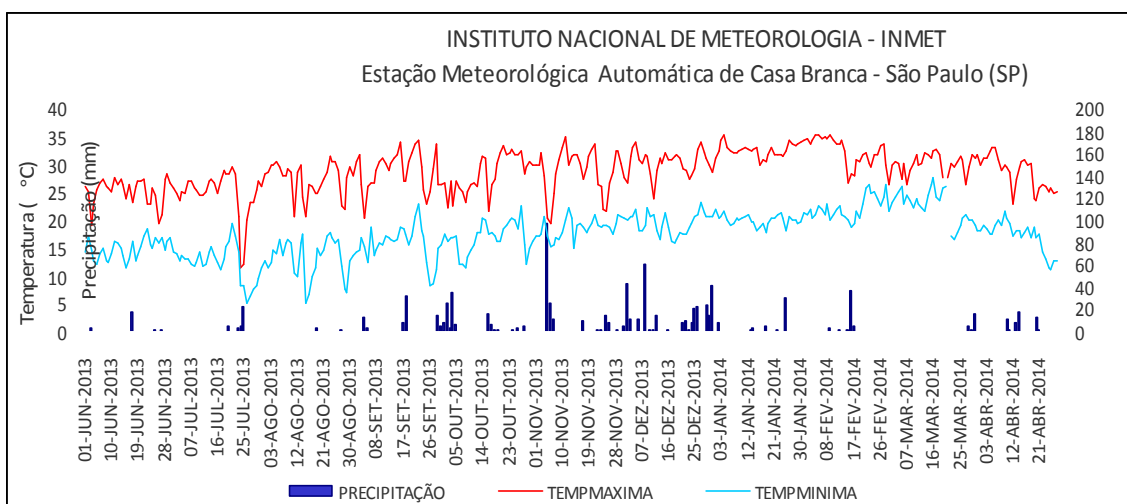
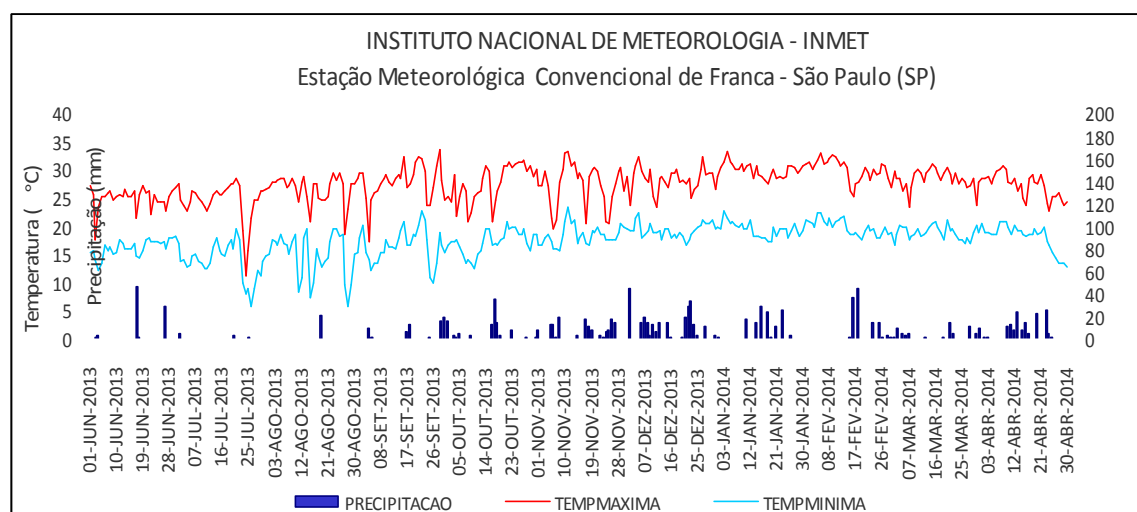
Em São Paulo, foram realizados dois mapeamentos com o uso de imagens *Landsat 5*.

Mapa 4 – Mapeamento do café em São Paulo



Na Tabela 4, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em São Paulo. Foram observadas chuvas abaixo da média aliada a altas temperaturas nos meses de dezembro a fevereiro que impactaram lavouras no estágio crítico de granação dos frutos (Figuras 4 a 6). As estações meteorológicas (Gráfico 3), localizadas a norte, registraram chuvas irregulares e altas temperaturas observadas através da linha de temperatura máxima. Em março, as condições melhoraram com melhor volume de chuva e redução na temperatura, mas continuaram desfavoráveis. Em abril, não se verificaram eventos anormais.

Gráfico 3 – Estações meteorológicas do INMET em São Paulo



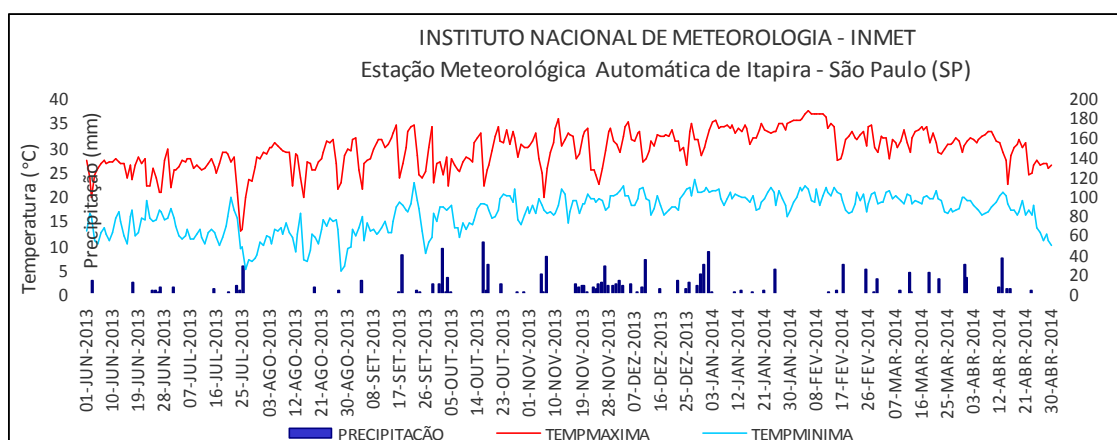


Tabela 4 – Monitoramento agrometeorológico no período de setembro a abril com impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo												
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

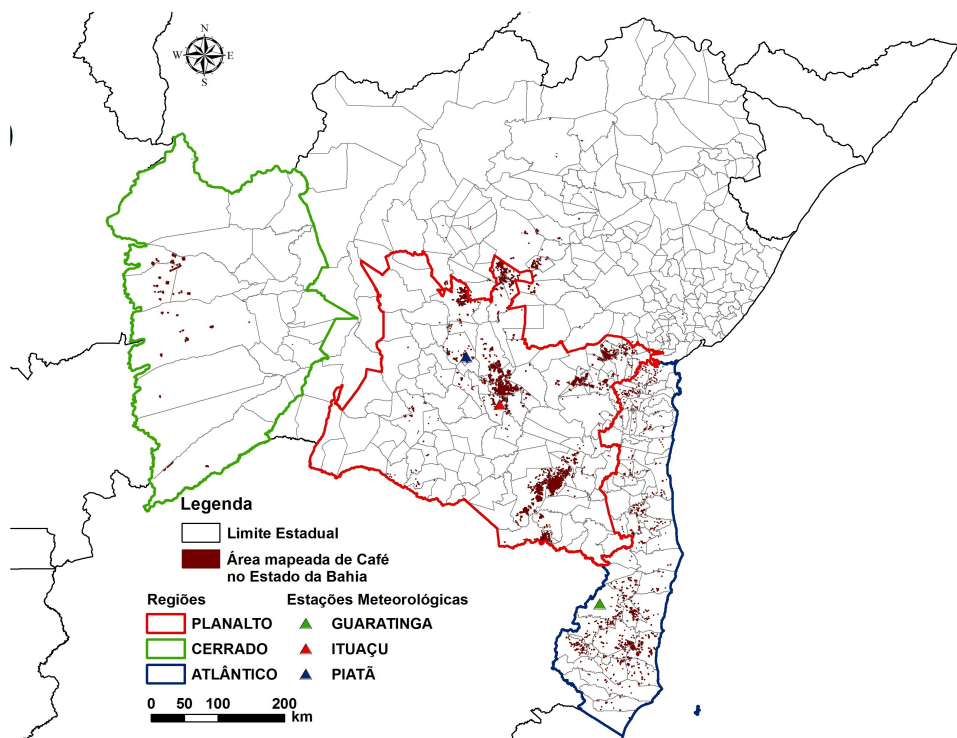
*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável
Baixa restrição
Falta de chuva
Média restrição
Falta de chuva

Bahia

Na Bahia, a identificação do café foi realizado com o uso de imagens *Landsat 5* e tendo como base a localização dos produtores.

Mapa 5 – Mapeamento do café na Bahia



Na Tabela 5, verifica-se o monitoramento agrometeorológico na Bahia. A região do Planalto sofreu com a estiagem nos meses de outubro a março, com exceção do mês de dezembro. Nas estações meteorológicas de Piatã e Ituaçu, localizadas nessa região, (Gráfico 4) apenas em dezembro foram observadas chuvas regulares.

Na região do Atlântico, a estiagem ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro com menor intensidade em relação à região do Planalto (Figuras 5 e 6). No mês de novembro, na estação de Guaratinga, localizada nessa região, houve registro de bom volume de chuva (Gráfico 4).

Na região do Cerrado, as condições são favoráveis devido à irrigação das lavouras.

Gráfico 4 – Estações meteorológicas do INMET na Bahia

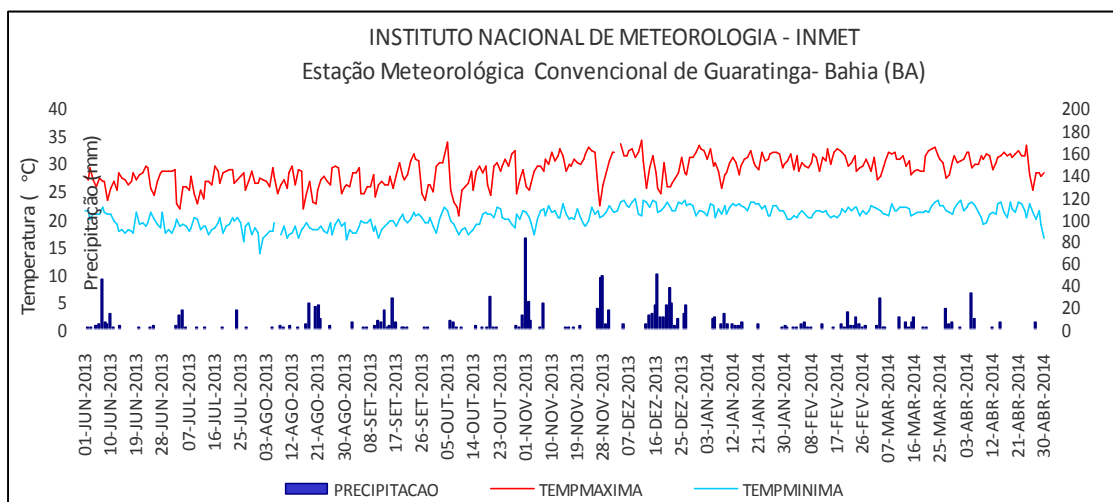
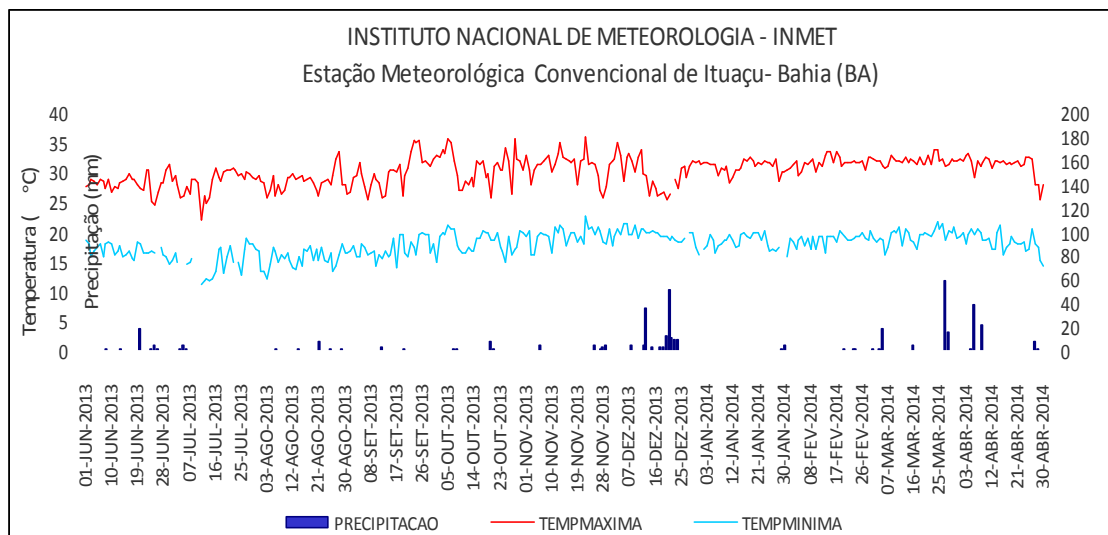
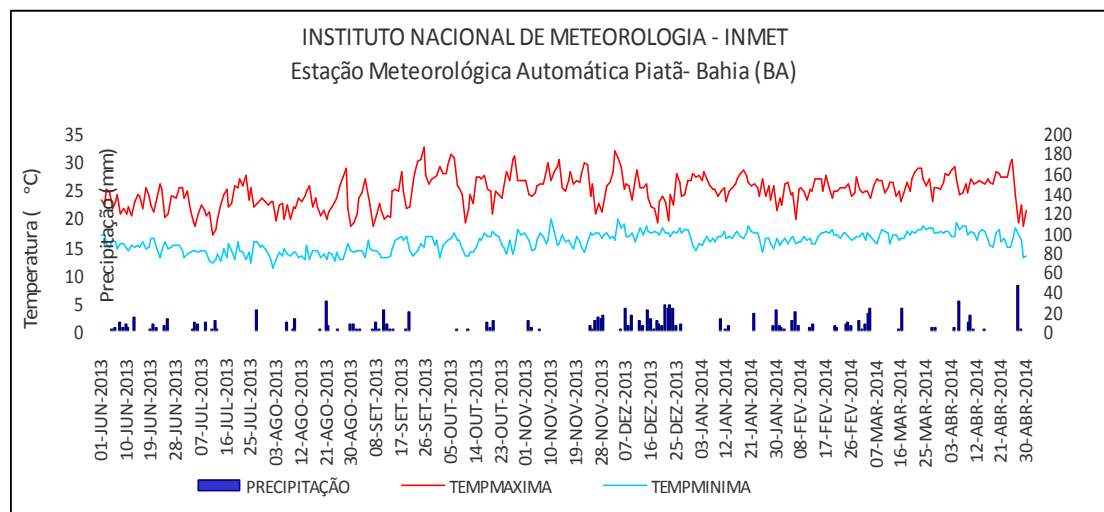


Tabela 5 – Monitoramento agrometeorológico no período de outubro a abril com impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

		Bahia										
Meses		Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases	Cerrado**	F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C
	Planalto	F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C
	Atlântico	F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

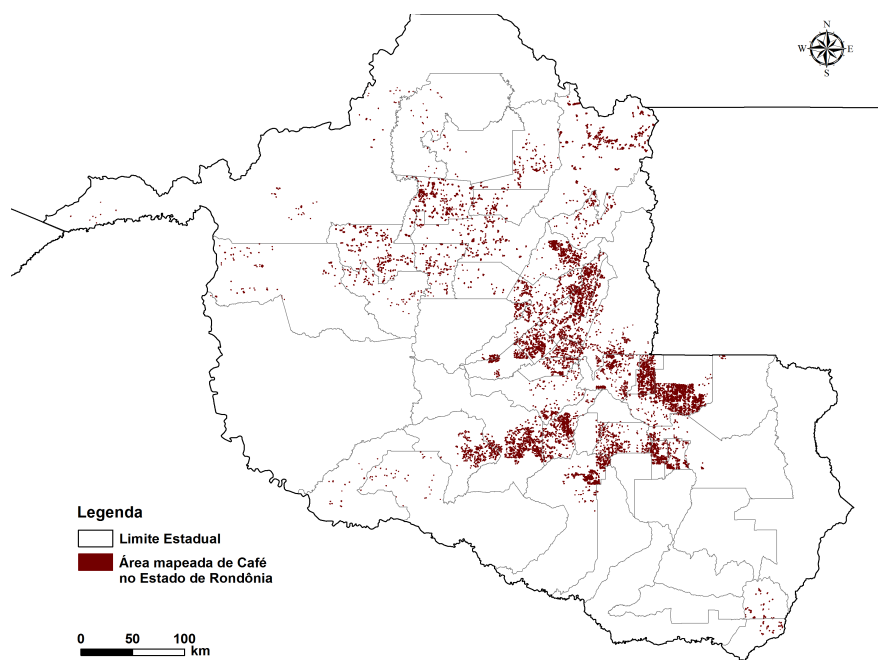
** Região irrigada.

Favorável
Baixa restrição
Falta de chuva
Média restrição
Falta de chuva

Rondônia

Em Rondônia, a identificação do café foi realizado com o uso de imagens *Landsat 5* e tendo como base a localização dos produtores.

Mapa 6 – Mapeamento do café em Rondônia



Na Tabela 6, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Rondônia. Ao contrário do observado na maior parte das regiões produtoras brasileiras, houve chuva acima da média desde dezembro a março, sem causar danos às plantas (Figuras 4 a 7).

Tabela 6 – Monitoramento agrometeorológico no período de setembro a abril com impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia												
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

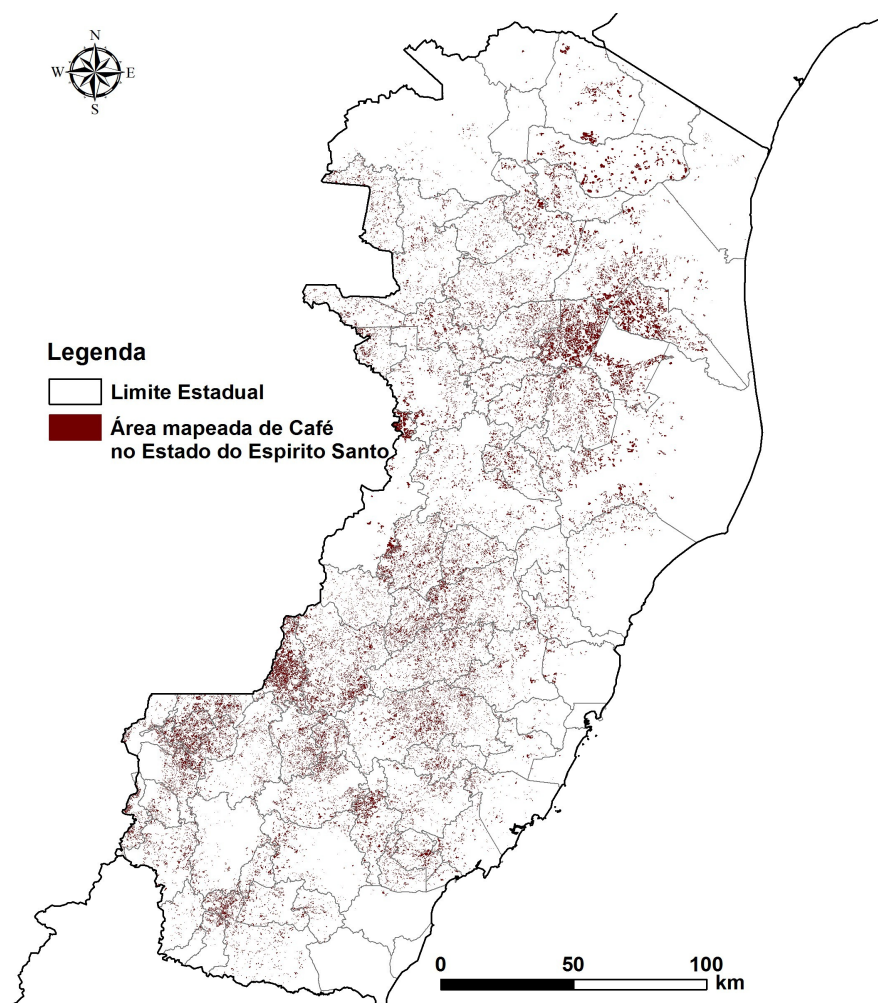
*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável

Espírito Santo

No Espírito Santo, a identificação do café foi realizado com o uso de fotografias aéreas.

Mapa 7 – Mapeamento do café no Espírito Santo



Na Tabela 7, verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Espírito Santo. Apesar do excesso de chuvas ocorrido em dezembro de 2013 (Figura 3), o impacto na produtividade ocorreu em decorrência das chuvas abaixo da média nos meses de janeiro a março (Figuras 5 a 7), com as lavouras em estágio crítico de granação dos frutos na região sul do estado, principalmente de café arábica.

Tabela 7 – Monitoramento agrometeorológico no período de setembro a abril com impactos de acordo com as fases* do café para a região sul do estado

Espírito Santo												
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Baixa restrição
 Favorável Falta de chuva Excesso de chuva

7. Receita bruta do café

A receita bruta faz parte do trabalho da Conab de geração e difusão do conhecimento e, tem como uma de suas finalidades, conhecer o desempenho econômico dos produtores rurais brasileiros.

O estudo estima os volumes mensais de comércio com base no calendário da colheita observado nos estados produtores e nas informações publicadas por entidades que divulgam análises e dados conjunturais da situação da comercialização e do abastecimento e, a partir dos preços mensais recebidos pelos produtores, calcula a receita bruta mensal faturada por produto e por estado.

As informações sobre produção são divulgadas no Boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Café, publicado pela Conab. Para alguns estados, em anos anteriores a última safra, foram utilizados também dados similares publicados no Levantamento Sistemático de Produção Agrícola do IBGE.

Dentre a cesta de produtos estudados, o café tem grande relevância e está presente em quinze estados brasileiros sendo que Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo representaram 89% da receita bruta do café em 2013.

Região/Estado	RECEITA BRUTA – Em 1.000 reais				
	SAFRA				
	2009	2010	2011	2012	2013
REGIÃO NORTE	281.635,33	331.820,92	297.782,71	337.500,09	312.381,01
Acre	3.163,50	2.000,74	3.329,55	4.992,99	6.058,24
Amazonas					
Amapá					
Pará	35.015,03	29.385,02	33.875,82	36.581,67	25.167,30
Rondônia	243.456,80	300.435,16	260.577,34	295.925,43	281.155,47
Roraima					
Tocantins					
REGIÃO NORDESTE	425.453,51	571.365,23	911.205,59	731.402,75	490.659,11
Alagoas					
Bahia	408.738,69	553.876,01	890.221,31	717.038,38	476.777,89
Ceará	10.714,56	10.504,57	14.187,20	8.152,48	9.140,89
Maranhão					
Paraíba					
Pernambuco	6.000,26	6.984,65	6.797,08	6.211,89	4.740,33
Piauí					
Rio Grande do Norte					
Sergipe					
REGIÃO CENTRO-OESTE	99.722,96	141.506,42	155.647,79	143.731,50	119.112,80
Distrito Federal	2.552,30	2.970,78	4.579,63	7.659,17	5.056,60
Goiás	62.467,17	83.989,18	100.286,52	103.102,89	64.986,34
Mato Grosso do Sul	3.268,08	4.908,82	6.462,06	7.546,31	7.684,65
Mato Grosso	31.435,41	49.637,64	44.319,58	25.423,13	41.385,21
REGIÃO SUDESTE	7.834.086,72	10.765.732,30	14.964.992,06	15.772.662,68	11.636.955,12
Espírito Santo	1.826.151,68	1.697.471,24	2.687.420,81	3.332.966,14	2.722.571,73
Minas Gerais	5.056.543,60	7.590.948,89	10.657.948,32	10.271.731,79	7.704.753,85
Rio de Janeiro	60.626,89	57.147,62	99.251,31	92.294,03	73.514,88
São Paulo	890.764,55	1.420.164,55	1.520.371,62	2.075.670,72	1.136.114,66
REGIÃO SUL	335.527,84	603.138,85	773.103,98	576.583,24	420.372,32
Paraná	335.527,84	603.138,85	773.103,98	576.583,24	420.372,32
Rio Grande do Sul					
Santa Catarina					
BRASIL	8.976.426,36	12.413.563,72	17.102.732,13	17.561.880,26	12.979.480,36

8. Custos de produção de café

A Conab acompanha a evolução das vendas de máquinas, implementos e insumos agropecuários que são utilizados nas diferentes culturas produzidas no país. Para esta safra, os números sinalizavam que ocorria intensa comercialização de máquinas, principalmente colheitadeiras, para a região cafeeira de São Paulo e de Minas Gerais. Além disso, obteve-se informações de que os valores praticados no mercado de mão de obra, notadamente para o plantio e colheita, estavam com pouca oferta nesses estados resultando em preços cobrados bastante onerados. Assim, fez-se mister e premente a revisão dos pacotes tecnológicos dos custos de café em algumas praças de ambos as regiões produtoras. Foram atualizados os pacotes tecnológicos dos custos descritos na tabela a seguir, à exceção do Município de Cristalina onde realizou-se o primeiro levantamento.

Técnicos da Conab, no segundo semestre de 2013, estiveram presentes em três Unidades da Federação, principais produtores de café, os quais passavam por tais mudanças em seus sistemas produtivos, quais sejam: Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

O resultado desse esforço foi a geração de cinco custos distintos de produção de café da espécie arábica, contendo importantes informações em um conjunto de 225 planilhas, entre as etapas de Implantação, Formação e Produção. Abrangendo desde a sistematização do cultivo, preparo do solo, plantio, tratamentos culturais, tratamentos fitossanitário, até a colheita e pós-colheita (incluindo diversas operações: mão de obra, máquinas, insumos, transporte, benfeitorias); geração de relatórios resumos dos custos: custeios, variáveis, operacionais, fixos, depreciações e totais, para cada uma das etapas; e todas elas sendo consolidadas com o cálculo de exaustão do cultivo para, finalmente, elaborar-se o relatório geral e análises de rentabilidades que foram divulgados na página eletrônica da Conab - [www.conab.gov.br / indicadores/ custo de produção](http://www.conab.gov.br/indicadores/custo-de-producao).

As tabelas a seguir registram as principais informações desses custos. Na Tabela 1 registra-se os custos que tiveram os seus pacotes tecnológicos revistos no segundo semestre do ano passado (2013), porém os valores estão corrigidos com base nas pesquisas recentes de preços de insumos, máquinas, implementos e serviços - base Abril de 2014. Na Tabela 2 são apresentados os demais custos de café desta Companhia, que não tiveram os pacotes revistos no ano de 2013, mas sim em 2012, porém igualmente estão com os preços atualizados para o mesmo mês.

O levantamento de campo teve um papel fundamental para se conhecer os avanços tecnológicos na produção de café, em diferentes modais, definir todos os níveis de preços, permitindo aos cafeicultores avaliar as suas ineficiências na alocação de recursos e pontos de estrangulamentos e buscar maior eficiência em sua atividade produtiva, além de contribuir para análises estatísticas do conjunto de custos, sob diferentes sistemas e regiões de cultivo.

Tabela 01
CUSTOS VARIÁVEIS DE PRODUÇÃO DE CAFÉ DA CONAB
PACOTES TECNOLÓGICOS ATUALIZADOS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2013
A PREÇOS DE ABRIL DE 2014

UF	LOCALIDADE	MODALIDADE AGRICULTURA	TIPO CULTIVO	PRODUTIVIDADE SACO 60 KG	CUSTO VARIÁVEL R\$/SACO	PRINCIPAIS INSUMOS DO CUSTO VARIÁVEL (EM %)			
						M.OBRA	FERTIL.	AGROTX	MÁQUINAS
GO	CRISTALINA	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Irrigado	55	179,38	5,41	22,78	7,41	18,81
MG	PATROCÍNIO	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Mecanizado	30	264,49	16,16	24,07	11,47	27,95
MG	SÃO SEB. PARAÍSO	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Mecanizado	30	258,06	9,75	20,48	9,30	30,33
			Arábica Convencional Semi-mecanizado	25	357,72	30,53	18,22	8,27	11,91
SP	FRANCA	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Mecanizado	30	260,50	12,02	19,58	7,49	29,16

FONTE: CONAB/DIPA/ISUINF/GEUP

Tabela 02
CUSTOS VARIÁVEIS DE PRODUÇÃO DE CAFÉ
PACOTES TECNOLÓGICOS ANTERIORES A 2013
A PREÇOS DE ABRIL DE 2014

BA	LUIS EDUARDO MAGALHÃES	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Irrigado	50	136,59	6,10	25,90	9,40	14,10
ES	PINHEIROS	FAMILIAR	Conilon Irrigado Manual	60	192,87	30,60	18,40	2,90	2,10
	VENDA NOVA IMIGRANTE		Arábica Convencional Manual	20	353,02	49,20	19,80	2,63	0,00
			Arábica Convencional Manual	30	336,81	49,80	13,40	5,30	0,00
MG	GUAXUPÉ	EMPRESARIAL	Arábica Convencional Mecanizado	30	262,19	16,40	22,30	7,10	18,10
			Arábica Convencional Semi-mecanizado	30	333,31	39,10	5,30	5,30	5,90
	MANHUAÇU	FAMILIAR	Arábica Convencional Manual	24	299,18	48,80	24,40	2,30	0,00
PR	LONRINA	FAMILIAR	Arábica Convencional Semi-mecanizado	30	311,93	57,18	7,33	8,11	6,00
RO	JI-PARANÁ	FAMILIAR	Conilon Convencional Manual	20	166,98	66,80	0,00	0,30	0,00
	ROLIM DE MOURA		Conilon Convencional Manual	25	157,48	41,50	22,00	4,20	0,00

FONTE: CONAB/DIPA/ISUINF/GEUP

A escassez de mão de obra e o elevado preço cobrado pelos poucos trabalhadores rurais disponíveis são os principais problemas da região cafeeira de São Paulo e Minas Gerais. Essa carência de mão de obra básica no campo é sentida, principalmente, para as atividades temporárias, como plantio e colheita. Cada trabalhador recebe 46% a mais por dia de trabalho, relativamente ao ano passado. Se na safra passada eles ganhavam em média R\$ 65 a diária, agora pedem entre R\$ 95 a R\$ 120, valores estes sem os encargos sociais. Mesmo assim, há dificuldade em atender à demanda, embora com os salários mais vantajosos, para atender os serviços temporários. Segundo informações, com o aquecimento e crescimento das construções do setor civil, o setor cafeeiro tem encontrado muita dificuldade para conseguir trabalhadores.

Muitos agricultores que realizam a colheita mecanizada, não se valeram da utilização da operação de repasse manual, em face dos já mencionados altos valores cobrados pela mão de obra. Como o preço de mercado do café estava muito baixo, preferiram abandonar o produto de repasse no campo.

Na região da Alta Mogiana em São Paulo, Estado com 8% da produção nacional, a falta de mão de obra durante a colheita vem sendo percebida há cerca de três anos, conforme relatam agrônomos de cooperativas locais. As despesas de mão de obra, que passaram a representar 60% dos custos, não somente devido a escassez dos recursos humanos, mas também pelas maiores exigências trabalhistas.

As lavouras de café produzidas em montanhas, como é o caso de Minas Gerais e Espírito Santo e que têm peso significativo na produção do país, podem migrar para outras regiões com terrenos mais planificados. A impossibilidade de mecanização e o alto preço da mão de obra serão os vetores para essa mudança. Observa-se inclusive que os valores da terra nessas áreas estão sendo depreciados.

Diante de toda essa realidade, os produtores se sentem obrigados a partirem para a modernização da cafeicultura, tendo que adotar os avanços tecnológicos disponíveis ou mudar de atividade. Com a mecanização, o custo da colheita cai para 30% no preço da saca de café. Assim, os trabalhadores que ficaram no campo buscam agora a especialização para operar colheitadeiras, onde a remuneração mensal pode ficar em torno de R\$ 2.500. No ano passado o salário do tratorista, em toda a região, oscilava entre 1,5 a 2 salários-mínimos (em torno de R\$ 1.400), sem encargos sociais.

A mecanização da colheita do café já é uma realidade e avança a cada ano. Os benefícios ficam cada vez mais evidentes e até os pequenos produtores estão começando a aderir ao sistema. A mecanização mantém um padrão de colheita, que faz com que ela seja mais uniforme e evite prejuízos. Além disso, as máquinas permitem que o produtor consiga adequar o ritmo da colheita ao da pós-colheita, o que traz benefícios financeiros e reduz os desperdícios.

Até o fator econômico virou uma vantagem da colheita mecanizada. O seu custo mais baixo é um dos principais benefícios, o que leva os produtores a se organizarem para compartilhar o uso dos equipamentos e também da mão de obra especializada, que opera na colheita do café e que, apesar de cara e não disponível ao nível da demanda, ainda se demonstra muito mais vantajosa.

A prática do aluguel de máquinas está se tornando mais comum, permitindo com que os agricultores de áreas menores se utilizem da mecanização sem ter que investir muito, tornado o custo fixo elevado e inviabilizando o negócio. Ainda neste sentido, é possível também dividir o preço do equipamento entre integrantes de uma associação, programando as datas para a utilização do maquinário em cada lavoura.

A mecanização em todas as fases da lavoura e o avanço da tecnologia na utilização de insumos, principalmente de fertilizantes e ainda os tratos culturais, acarretaram na diminuição dos custos de produção apurados para as três praças

examinadas e em todas as suas regiões de abrangência, se comparados aos pacotes tecnológicos anteriores.

Este trabalho de levantamento dos custos de produção oferece importante subsídio à formulação de políticas governamentais de amparo ao produtor, principalmente na elaboração de propostas de Preços Mínimos para a PGPM – Política de Garantia de Preços Mínimos e de Preços de Garantia e para a PGPAF – Política de Garantia de Preços da Agricultura Familiar, utilizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Ministério do Desenvolvimento Agrário, respectivamente, além de atender a interesses da cadeia produtiva e da sociedade em geral.

A execução desse trabalho envolveu a participação de técnicos da Conab da área de custos de produção e também contou com a participação efetiva, nos painéis expositivos, de representantes de importantes seguimentos da cadeia produtiva do café. Compareceram aos debates técnicos estaduais uma média de 20 participantes por reunião, dentre produtores rurais, técnicos agrícolas, engenheiros agrônomos e representantes de empresas de consultoria, empresas de assistência técnica e extensão rural oficial e particulares, sindicatos, associações, cooperativas, institutos de pesquisa, agentes financeiros e demais envolvidos no assunto.

9. Preços do café beneficiado

Tabela 1 – Preços de café arábica (60 kg) no Paraná

Período	Paraná			
	Cornélio Procopio	Londrina	Paranavaí	Rolândia
04/2013	290,00	274,25	278,80	275,75
05/2013	285,00	270,20	274,56	274,40
06/2013	271,25	255,38	262,20	263,02
07/2013	273,00	259,00	263,40	259,60
08/2013	267,50	250,25	262,50	259,75
09/2013	252,50	234,25	248,25	251,00
10/2013	229,00	213,60	228,00	231,20
11/2013	215,00	194,30	210,90	211,67
12/2013	235,00	196,75	216,75	213,00
01/2014	251,50	211,46	224,00	242,30
02/2014	308,75	268,75	283,20	301,43
03/2014	415,00	363,75	405,40	393,70
04/2014	402,50	361,25	390,45	379,55

Tabela 2 – Preços de café arábica (60 kg) em Minas Gerais

Período	Minas Gerais			
	Araguari	Campos Altos	Capelinha	Caratinga
04/2013	296,77	298,49	288,13	297,00
05/2013	293,10	293,10	289,54	284,73
06/2013	281,25	278,75	270,56	275,88
07/2013	290,17	282,75	274,62	277,40
08/2013	287,39	277,25	271,54	278,75
09/2013	277,22	271,50	265,00	263,75
10/2013	254,01	252,80	242,00	249,40
11/2013	241,81	241,94	227,50	235,00
12/2013	265,50	266,49	257,74	260,00
01/2014	286,27	292,20	276,89	272,40
02/2014	370,04	367,46	360,20	361,25
03/2014	454,77	453,20	424,16	446,25
04/2014	448,97	447,14	406,59	438,49

Tabela 3 – Preços de café arábica (60 kg) em Minas Gerais

Período	Minas Gerais			
	Guaxupé	Manhuaçu	Monte Carmelo	Patrocínio
04/2013	292,13	298,00	296,77	297,00
05/2013	290,26	294,67	293,10	291,71
06/2013	278,51	277,72	280,52	279,03
07/2013	283,51	281,31	289,19	288,29
08/2013	280,65	276,25	287,39	287,50
09/2013	271,89	259,64	277,22	274,79
10/2013	250,47	244,40	254,01	253,78
11/2013	241,81	227,50	241,81	243,98
12/2013	263,29	257,74	265,50	264,83
01/2014	284,85	284,52	286,27	282,35
02/2014	368,86	373,75	370,04	368,48
03/2014	433,63	437,86	454,77	442,41
04/2014	437,74	432,50	448,97	451,66

Tabela 4 – Preços de café arábica (60 kg) em Minas Gerais

Período	Minas Gerais		
	Piumhi	São Sebastião do Paraíso	Varginha
04/2013	301,39	296,69	297,04
05/2013	289,11	287,38	291,95
06/2013	280,00	280,32	282,69
07/2013	282,97	282,55	285,45
08/2013	281,02	279,91	280,75
09/2013	275,00	268,49	272,67
10/2013	256,00	248,48	250,26
11/2013	242,50	239,18	241,87
12/2013	265,00	263,02	270,18
01/2014	280,64	280,57	284,35
02/2014	371,88	365,63	367,70
03/2014	434,52	433,42	442,49
04/2014	431,36	433,82	442,49

Tabela 5 – Preços de café arábica (60 kg) na BA

Período	Bahia	
	Barreiras	Vitória da Conquista
04/2013	300,00	281,67
05/2013	297,00	285,00
06/2013	281,00	275,00
07/2013	280,10	271,00
08/2013	286,25	272,50
09/2013	277,25	270,00
10/2013	262,00	232,00
11/2013	250,13	221,25
12/2013	257,50	243,75
01/2014	276,50	263,00
02/2014	343,75	330,00
03/2014	439,97	450,00
04/2014	441,25	410,00

Tabela 6 – Preços de café arábica (60 kg) em São Paulo

Período	São Paulo		
	Garça	Matão	Parapuã
04/2013	305,25	300,50	300,75
05/2013	299,20	294,80	295,00
06/2013	286,25	282,50	282,50
07/2013	280,00	280,00	280,00
08/2013	278,75	281,25	281,25
09/2013	268,75	277,50	277,50
10/2013	253,00	261,00	261,00
11/2013	240,25	239,75	242,50
12/2013	248,25	254,25	253,75
01/2014	266,60	274,95	274,94
02/2014	352,50	351,25	341,00
03/2014	430,25	433,75	431,25
04/2014	432,50	430,25	428,75

Tabela 7 – Preços de café arábica (60 kg) em São Paulo

Período	São Paulo		
	Pedregulho	Pindamonhangaba	Piraju
04/2013	300,75	300,50	300,50
05/2013	295,00	295,00	294,00
06/2013	282,50	282,50	282,50
07/2013	280,00	280,00	280,00
08/2013	285,00	281,25	281,25
09/2013	278,75	277,50	276,25
10/2013	261,00	262,00	262,00
11/2013	242,50	243,75	244,75
12/2013	255,25	248,75	252,50
01/2014	269,96	262,28	267,80
02/2014	357,50	348,75	352,50
03/2014	443,75	428,75	433,75
04/2014	435,00	425,00	423,75

Tabela 8 – Preços de café conilon (60 kg) no Espírito Santo

Período	Espírito Santo		
	Jaguaré	Nova Venécia	São Gabriel da Palha
04/2013	242,50	240,00	238,75
05/2013	236,00	242,00	241,60
06/2013	234,25	236,25	238,25
07/2013	236,60	239,00	234,40
08/2013	241,25	248,75	239,25
09/2013	221,75	228,75	225,75
10/2013	191,40	195,00	194,00
11/2013	182,50	185,00	186,25
12/2013	207,50	212,50	212,50
01/2014	209,00	214,00	214,00
02/2014	218,75	229,00	229,00
03/2014	237,50	244,00	247,50
04/2014	241,25	245,00	242,50

Tabela 9 – Preços de café conilon (60 kg) no Espírito Santo

Período	Espírito Santo		
	Jaguaré	Nova Venécia	São Gabriel da Palha
04/2013	242,50	240,00	238,75
05/2013	236,00	242,00	241,60
06/2013	234,25	236,25	238,25
07/2013	236,60	239,00	234,40
08/2013	241,25	248,75	239,25
09/2013	221,75	228,75	225,75
10/2013	191,40	195,00	194,00
11/2013	182,50	185,00	186,25
12/2013	207,50	212,50	212,50
01/2014	209,00	214,00	214,00
02/2014	218,75	229,00	229,00
03/2014	237,50	244,00	247,50
04/2014	241,25	245,00	242,50

Tabela 10 – Preços de café conilon em Rondônia (60 kg)

Período	Rondônia			
	Alta Floresta D.Oeste	Alvorada D.Oeste	Cacoal	Machadinho D.Oeste
04/2013	212,50	210,50	210,75	210,00
05/2013	218,00	216,20	208,00	206,00
06/2013	200,00	219,00	212,75	190,00
07/2013	206,40	205,00	212,40	190,00
08/2013	210,00	216,00	217,50	212,50
09/2013	210,00	220,00	206,50	220,00
10/2013	186,00	188,00	195,00	180,00
11/2013	142,50	181,25	168,75	160,00
12/2013	155,00	181,25	167,50	160,00
01/2014	184,00	191,00	186,40	172,00
02/2014	198,75	201,25	201,25	180,00
03/2014	205,00	212,75	217,50	185,00
04/2014	208,75	222,50	218,75	190,00

Tabela 11 – Preços de café conilon em Rondônia (60 kg)

Período	Rondônia			
	Ministro Andreazza	Ouro Preto do Oeste	Rolim de Moura	São Miguel do Guaporé
04/2013	210,75	206,25	220,00	222,50
05/2013	208,00	200,00	218,00	209,20
06/2013	210,33	202,50	207,50	213,75
07/2013	212,40	206,00	206,00	210,00
08/2013	215,00	205,00	210,00	210,00
09/2013	207,00	201,50	210,00	210,00
10/2013	195,00	187,40	186,00	210,00
11/2013	168,75	176,25	142,50	210,00
12/2013	167,50	170,00	155,00	214,00
01/2014	186,40	170,00	184,00	210,00
02/2014	201,25	173,50	195,00	198,75
03/2014	217,50	199,25	190,00	196,25
04/2014	218,75	210,00	202,50	200,00

10. Crédito rural

CRÉDITO RURAL – Café
Financiamentos de Custeio
de Lavouras a Produtores e Cooperativas
 Janeiro a Março de 2014

UF	Contratos	Valor (R\$ Milhões)
GO	7	3.373,70
MT	4	39,93
MS	8	151,81
CENTRO-OESTE	19	3.565,45
RO	351	2.634,31
NORTE	351	2.634,31
BA	131	15.219,82
RN	2	8,50
NORDESTE	133	15.228,32
PR	222	5.933,71
RS	1	15,00
SUL	223	5.948,71
ES	4.930	129.143,54
MG	11.998	454.108,38
RJ	90	987,59
SP	943	73.642,19
SUDESTE	17.961	657.881,71
TOTAL	18.687	685.258,51

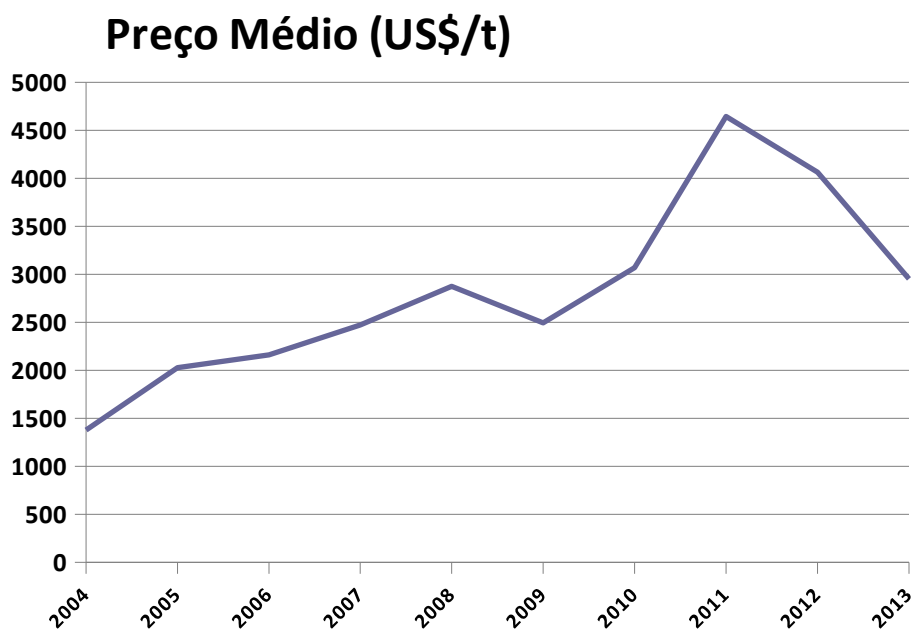
Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proago (Sicor)

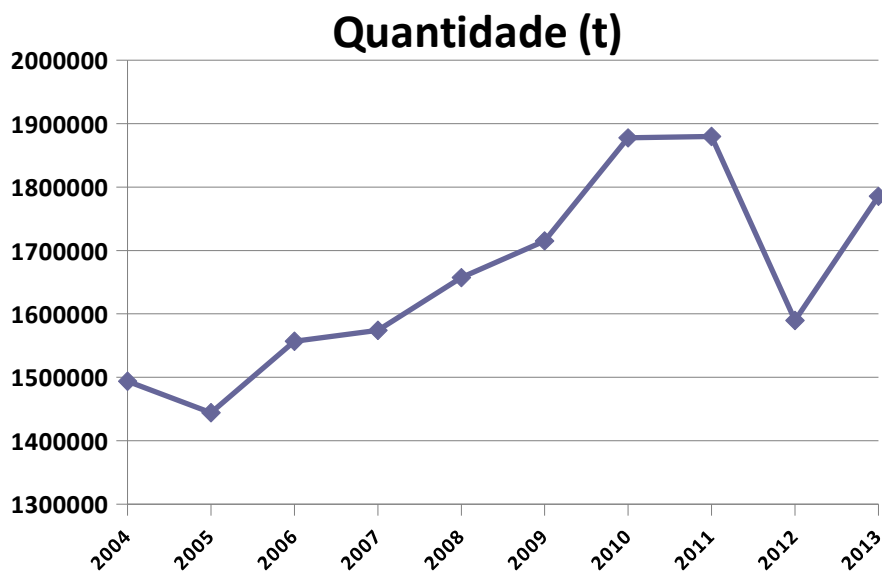
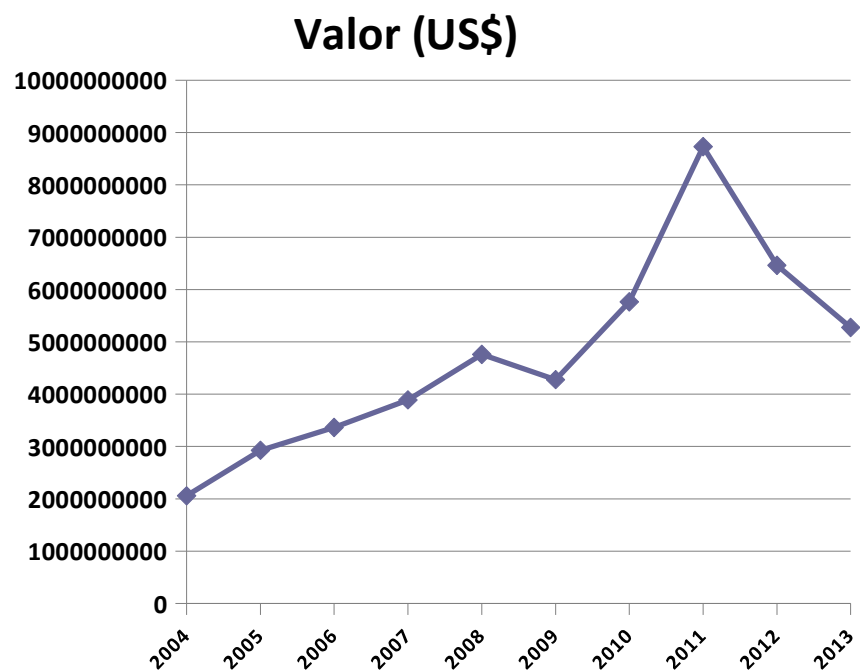
11. Exportações

BRASIL - EXPORTAÇÃO DE CAFÉ

ANO	Valor	Quantidade	Preço Médio
	(US\$)	(t)	(US\$/t)
2004	2.058.000.511	1.493.849	1.378
2005	2.928.683.573	1.444.297	2.028
2006	3.364.154.184	1.556.779	2.161
2007	3.891.534.465	1.574.231	2.472
2008	4.763.068.651	1.657.117	2.874
2009	4.278.940.375	1.715.209	2.495
2010	5.764.620.108	1.877.443	3.070
2011	8.732.836.900	1.879.844	4.646
2012	6.462.656.546	1.589.703	4.065
2013	5.275.718.956	1.785.420	2.955
2014 (*)	1.805.707.089	661.356	2.730

(*) jan./abr.





12. Localização das áreas de cultivo

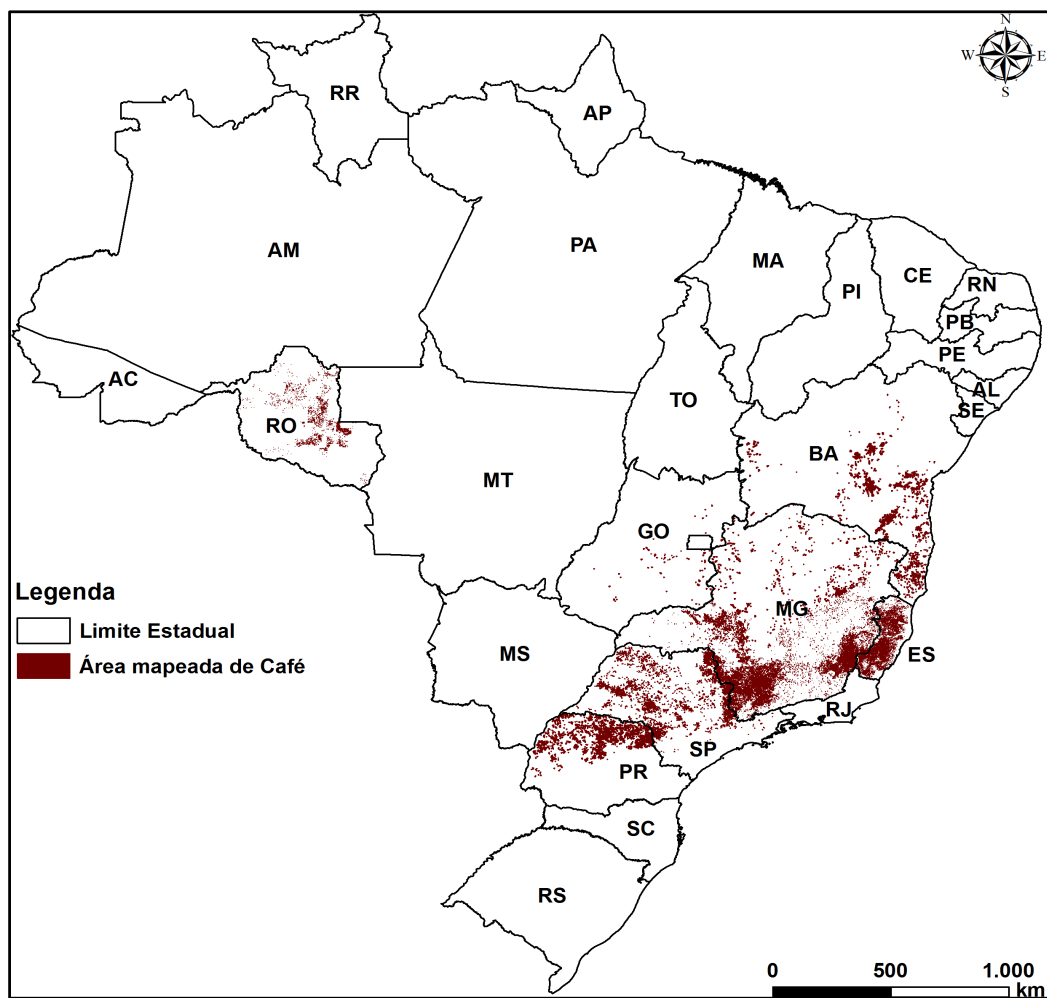


Figura 1 – Mapeamento nos principais estados produtores

13. Tabelas e gráficos dos resultados obtidos no levantamento

TABELA - 1
CAFÉ - BENEFICIADO
SAFRA 2014
SEGUNDO LEVANTAMENTO

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PARQUE CAFEEIRO				PRODUÇÃO			PRODUTIVIDADE
	EM FORMAÇÃO		EM PRODUÇÃO		(Mil sacas beneficiadas)			
	ÁREA (ha)	CAFEEIROS (Mil covas)	ÁREA (ha)	CAFEEIROS (Mil covas)	Arábica	Robusta	TOTAL	
Minas Gerais	244.632,0	869.291,0	1.001.078,0	3.090.511,0	22.697,0	295,0	22.992,0	22,97
Sul e Centro-Oeste	137.379,0	480.826,0	503.881,0	1.511.643,0	10.874,0	0,0	10.874,0	21,58
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	26.163,0	104.651,0	174.554,0	610.939,0	5.814,0	0,0	5.814,0	33,31
Zona da Mata, Rio Doce e Central	76.073,0	266.255,0	285.838,0	857.514,0	5.374,0	192,0	5.566,0	19,47
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	5.017,0	17.559,0	36.805,0	110.415,0	635,0	103,0	738,0	20,05
Espírito Santo	41.228,0	138.857,0	447.355,0	1.148.377,0	2.858,0	9.350,0	12.208,0	27,29
São Paulo	10.167,0	39.798,8	152.665,0	458.607,0	4.233,8	0,0	4.233,8	27,73
Paraná	23.705,0	76.700,0	34.335,0	111.200,0	545,0	0,0	545,0	15,87
Bahia	12.494,4	41.785,5	134.511,1	308.917,1	1.217,8	769,5	1.987,3	14,77
- Cerrado	3.052,0	14.497,0	11.858,5	65.150,6	456,6		456,6	38,50
- Planalto	4.187,4	14.760,6	98.473,7	192.023,7	761,2		761,2	7,73
- Atlântico	5.255,0	12.527,9	24.178,9	51.742,8	0,0	769,5	769,5	31,83
Rondônia	5.510,0	8.634,2	99.137,0	155.347,7	0,0	1.625,0	1.625,0	16,39
Mato Grosso	1.603,0	3.715,8	20.585,0	47.258,1	2,1	167,7	169,8	8,25
Goiás	1.725,0	6.696,6	6.024,3	27.826,8	261,8	0,0	261,8	43,46
Pará	95,0	209,0	6.383,0	14.221,3	0,0	121,7	121,7	19,07
Rio de Janeiro	0,0	0,0	13.217,0	27.755,7	308,4	0,0	308,4	23,33
Outros	345,0	938,4	10.783,0	27.604,5	110,6	3,0	113,6	10,54
BRASIL	341.504,4	1.186.626,3	1.926.073,4	5.417.626,2	32.234,5	12.331,9	44.566,4	23,14

Fonte: Conab

Maio/2014

TABELA - 2
CAFÉ - BENEFICIADO
SAFRA 2013
PRODUÇÃO FINAL

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PARQUE CAFEEIRO				PRODUÇÃO			PRODUTIVIDADE (Sacas / ha)
	EM FORMAÇÃO		EM PRODUÇÃO		(Mil sacas beneficiadas)			
	ÁREA	CAFEEIROS	ÁREA	CAFEEIROS	Árábica	Robusta	TOTAL	
	(ha)	(Mil covas)	(ha)	(Mil covas)				
Minas Gerais	193.981	693.617	1.037.797	3.198.098	27.380	280	27.660,0	26,65
Sul e Centro-Oeste	117.969,0	412.890,0	521.187,0	1.563.561,0	13.355,0		13.355,0	25,62
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	29.368,0	117.472,0	169.415,0	592.952,0	5.213,0		5.213,0	30,77
Zona da Mata, Rio Doce e Central	42.416,0	148.457,0	309.593,0	928.779,0	8.133,0	182,0	8.315,0	26,86
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.228,0	14.798,0	37.602,0	112.806,0	679,0	98,0	777,0	20,66
Espírito Santo	45.915,0	151.582,0	453.167,0	1.169.662,0	3.486,0	8.211,0	11.697,0	25,81
São Paulo	17.027,5	57.742,3	162.328,5	471.505,4	4.010,1	0,0	4.010,1	24,70
Paraná	16.810,0	56.200,0	65.150,0	208.800,0	1.650,0	0,0	1.650,0	25,33
Bahia	12.494	41.786	134.511	308.917	1.079,9	723,4	1.803,3	13,41
- Cerrado	3.052,0	14.497,0	11.858,5	65.150,6	398,8		398,8	33,63
- Planalto	4.187,4	14.760,6	98.473,7	192.023,7	681,1		681,1	6,92
- Atlântico	5.255,0	12.527,9	24.178,9	51.742,8	0,0	723,4	723,4	29,92
Rondônia	5.465,0	8.580,1	102.840,0	161.458,8	0,0	1.357,0	1.357,0	13,20
Mato Grosso	1.251,0	2.899,8	20.890,0	47.952,3	1,6	169,9	171,5	8,21
Goiás	1.495,0	6.650,7	6.382,6	28.975,9	265,5		265,5	41,60
Pará	95,0	209,0	6.383,0	14.221,3	0,0	121,7	121,7	19,07
Rio de Janeiro	4,0	8,6	13.276,0	27.879,6	281,0	0,0	281,0	21,17
Outros	636,0	1.729,9	13.700,0	35.072,0	131,7	2,8	134,5	9,82
BRASIL	295.174	1.021.005	2.016.425	5.672.542	38.285,8	10.865,8	49.151,6	24,38

Fonte: Conab

Maio/2014

TABELA - 3
CAFÉ - BENEFICIADO
COMPARATIVO DE PRODUÇÃO

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)								
	ARÁBICA		Variação %	ROBUSTA		Variação %	TOTAL		Variação %
	SAFRA 2013	SAFRA 2014		SAFRA 2013	SAFRA 2014		SAFRA 2013	SAFRA 2014	
Minas Gerais	27.380,0	22.697,0	(17,10)	280,0	295,0	5,36	27.660,0	22.992,0	(16,88)
Sul e Centro-Oeste	13.355,0	10.874,0	(18,58)	-	-	-	13.355,0	10.874,0	(18,58)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	5.213,0	5.814,0	11,53	-	-	-	5.213,0	5.814,0	11,53
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.133,0	5.374,0	(33,92)	182,0	192,0	5,49	8.315,0	5.566,0	(33,06)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	679,0	635,0	(6,48)	98,0	103,0	5,10	777,0	738,0	(5,02)
Espírito Santo	3.486,0	2.858,0	(18,01)	8.211,0	9.350,0	13,87	11.697,0	12.208,0	4,37
São Paulo	4.010,1	4.233,8	5,58	-	-	-	4.010,1	4.233,8	5,58
Paraná	1.650,0	545,0	(66,97)	-	-	-	1.650,0	545,0	(66,97)
Bahia	1.079,9	1.217,8	12,77	723,4	769,5	6,37	1.803,3	1.987,3	10,20
- Cerrado	398,8	456,6	14,49	-	-	-	398,8	456,6	14,49
- Planalto	681,1	761,2	11,76	-	-	-	681,1	761,2	11,76
- Atlântico	0,0	-	-	723,4	769,5	6,37	723,4	769,5	6,37
Rondônia	0,0	-	-	1.357,0	1.625,0	19,75	1.357,0	1.625,0	19,75
Mato Grosso	1,6	2,1	31,25	169,9	167,7	(1,29)	171,5	169,8	(0,99)
Goiás	265,5	261,8	(1,39)	-	-	-	265,5	261,8	(1,39)
Pará	0,0	-	-	121,7	121,7	-	121,7	121,7	-
Rio de Janeiro	281,0	308,4	9,75	-	-	-	281,0	308,4	9,75
Outros	131,7	110,6	(16,02)	2,8	3,0	7,14	134,5	113,6	(15,54)
BRASIL	38.285,8	32.234,5	(15,81)	10.865,8	12.331,9	13,49	49.151,6	44.566,4	(9,33)

Fonte: Conab

TABELA - 4
CAFÉ - BENEFICIADO - ARÁBICA
SAFRA 2014
SEGUNDO LEVANTAMENTO

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PARQUE CAFEEIRO				PRODUÇÃO	PRODUTI- VIDADE
	EM FORMAÇÃO		EM PRODUÇÃO			
	ÁREA (ha)	CAFEEIROS (Mil covas)	ÁREA (ha)	CAFEEIROS (Mil covas)	(Mil sacas)	(Sacas /ha)
Minas Gerais	243.933,0	868.435,0	987.958,0	3.051.151,0	22.697,0	22,97
Sul e Centro-Oeste	137.379,0	480.826,0	503.881,0	1.511.643,0	10.874,0	21,58
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	26.163,0	104.651,0	174.554,0	610.939,0	5.814,0	33,31
Zona da Mata, Rio Doce e Central	75.619,0	266.255,0	277.310,0	831.930,0	5.374,0	19,38
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.772,0	16.703,0	32.213,0	96.639,0	635,0	19,71
Espírito Santo	16.143,0	66.846,0	162.352,0	514.605,0	2.858,0	17,60
São Paulo	10.167,0	39.798,8	152.665,0	458.607,0	4.233,8	27,73
Paraná	23.705,0	76.700,0	34.335,0	111.200,0	545,0	15,87
Bahia	7.239,4	29.257,6	110.332,2	257.174,3	1.217,8	11,04
- Cerrado	3.052,0	14.497,0	11.858,5	65.150,6	456,6	38,50
- Planalto	4.187,4	14.760,6	98.473,7	192.023,7	761,2	7,73
Mato Grosso	50,0	115,9	135,0	325,4	2,1	15,56
Goiás	1.725,0	6.696,6	6.024,3	27.826,8	261,8	43,46
Rio de Janeiro	0,0	0,0	13.217,0	27.755,7	308,4	23,33
Outros	325,0	884,0	10.325,0	26.432,0	110,6	10,71
BRASIL	303.287,4	1.088.942,9	1.477.343,5	4.475.077,2	32.234,5	21,82

Fonte: Conab

Maio/2014

TABELA - 5
CAFÉ - BENEFICIADO - ROBUSTA
SAFRA 2014

SEGUNDO LEVANTAMENTO

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PARQUE CAFEEIRO				PRODUÇÃO (Mil sacas)	PRODUTIVIDADE (Sacas /ha)
	EM FORMAÇÃO		EM PRODUÇÃO			
	ÁREA (ha)	CAFEIROS (Mil covas)	ÁREA (ha)	CAFEIROS (Mil covas)		
Minas Gerais	699,0	2.446,0	13.120,0	39.360,0	295,0	22,48
Zona da Mata, Rio Doce e Central	454,0	1.590,0	8.528,0	25.584,0	192,0	22,51
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	245,0	856,0	4.592,0	13.776,0	103,0	22,43
Espírito Santo	25.085,0	72.011,0	285.003,0	633.768,0	9.350,0	32,81
Bahia	5.255,0	12.527,9	24.178,9	51.742,8	769,5	31,83
- Atlântico	5.255,0	12.527,9	24.178,9	51.742,8	769,5	31,83
Rondônia	5.510,0	8.634,2	99.137,0	155.347,7	1.625,0	16,39
Mato Grosso	1.553,0	3.599,9	20.450,0	46.932,8	167,7	8,20
Pará	95,0	209,0	6.383,0	14.221,3	121,7	19,07
Outros	20,0	54,4	458,0	1.172,5	3,0	6,55
BRASIL	38.217,0	99.482,4	448.729,9	942.545,1	12.331,9	27,48

Fonte: Conab

Maio/2014

TABELA - 6
CAFÉ
COMPARATIVO - PARQUE CAFEEIRO EM PRODUÇÃO

UNIDADE DA FEDERAÇÃO REGIÃO	PARQUE CAFEEIRO					
	SAFRA 2013		SAFRA 2014		VARIÇÃO %	
	ÁREA (1)	CAFEIROS (2)	ÁREA (3)	CAFEIROS (4)		
	(ha)	(Mil covas)	(ha)	(Mil covas)	(3)/(1)	(4)/(2)
Minas Gerais	1.037.797	3.198.098	1.001.078	3.090.511	(3,54)	(3,36)
Sul e Centro-Oeste	521.187	1.563.561	503.881,0	1.511.643	(3,32)	(3,32)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	169.415	592.952	174.554,0	610.939	3,03	3,03
Zona da Mata, Rio Doce e Central	309.593	928.779	285.838,0	857.514	(7,67)	(7,67)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	37.602	112.806	36.805,0	110.415	(2,12)	(2,12)
Espírito Santo	453.167	1.169.662	447.355,0	1.148.377	(1,28)	(1,82)
São Paulo	162.329	471.505	152.665,0	458.607	(5,95)	(2,74)
Paraná	65.150	208.800	34.335,0	111.200	(47,30)	(46,74)
Bahia	134.511	308.917	134.511,1	308.917	-	-
- Cerrado	11.858,5	65.150,6	11.858,5	65.150,6	-	-
- Planalto	98.473,7	192.023,7	98.473,7	192.023,7	-	-
- Atlântico	24.178,9	51.742,8	24.178,9	51.742,8	-	-
Rondônia	102.840,0	161.458,8	99.137,0	155.347,7	(3,60)	(3,78)
Mato Grosso	20.890,0	47.952,3	20.585,0	47.258,1	(1,46)	(1,45)
Goiás	6.382,6	28.975,9	6.024,3	27.826,8	(5,61)	(3,97)
Pará	6.383,0	14.221,3	6.383,0	14.221,3	-	-
Rio de Janeiro	13.276,0	27.879,6	13.217,0	27.755,7	(0,44)	(0,44)
Outros	13.700,0	35.072,0	10.783,0	27.604,5	(21,29)	(21,29)
BRASIL	2.016.425,2	5.672.542,4	1.926.073,4	5.417.626,2	(4,48)	(4,49)

Fonte: Conab

Maio/2014

TABELA - 7
CAFÉ - BENEFICIADO
SAFRA 2014
ESTIMATIVA MENSAL DE COLHEITA

(Em Percentual e Mil sacas)

U.F	PRODUÇÃO	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
MG	22.992,0	-	-	1,0	229,9	10,0	2.299,2	30,0	6.897,6	35,0	8.047,2	20,0	4.598,4	3,5	804,7	0,5	115,0
ES (*)	12.208,0	-	-	2,2	272,2	30,5	3.721,0	38,0	4.642,7	16,7	2.043,6	8,2	998,6	2,8	339,4	1,6	191,7
SP (**)	4.233,8	-	-	1,0	42,3	10,0	423,4	29,0	1.227,8	32,0	1.354,8	18,0	762,1	4,0	169,4	6,0	254,0
PR	545,0	-	-	1,0	5,5	6,0	32,7	19,0	103,6	20,0	109,0	36,0	196,2	18,0	98,1	-	-
BA	1.987,3	-	-	15,0	298,1	25,0	496,8	30,0	596,2	20,0	397,5	5,0	99,4	5,0	99,4	-	-
RO	1.625,0	2,0	32,5	39,0	633,7	44,0	715,0	14,0	227,5	1,0	16,2	-	-	-	-	-	-
MT	169,8	-	-	20,0	34,0	45,0	76,4	20,0	34,0	10,0	17,0	5,0	8,5	-	-	-	-
GO	261,8	-	-	-	-	-	-	20,0	52,4	45,0	117,8	30,0	78,5	5,0	13,1	-	-
PA	121,7	-	-	23,0	28,0	42,0	51,1	35,0	42,6	-	-	-	-	-	-	-	-
RJ	308,4	-	-	20,0	61,7	50,0	154,2	20,0	61,7	10,0	30,8	-	-	-	-	-	-
OUTROS	113,6	-	-	10,0	11,4	20,0	22,7	30,0	34,1	30,0	34,1	5,0	5,7	5,0	5,7	-	-
BRASIL	44.566,4	0,1	32,5	3,6	1.616,8	17,9	7.992,5	31,2	13.920,0	27,3	12.168,1	15,1	6.747,4	3,4	1.529,7	1,3	560,7

Fonte: Conab

Maio / 2014

(*) 1,1% em Outubro, 0,4% em Novembro e 0,1% em Dezembro.
(**) Colheita em outubro e novembro.

GRÁFICO 1
ESTIMATIVA MENSAL DE COLHEITA

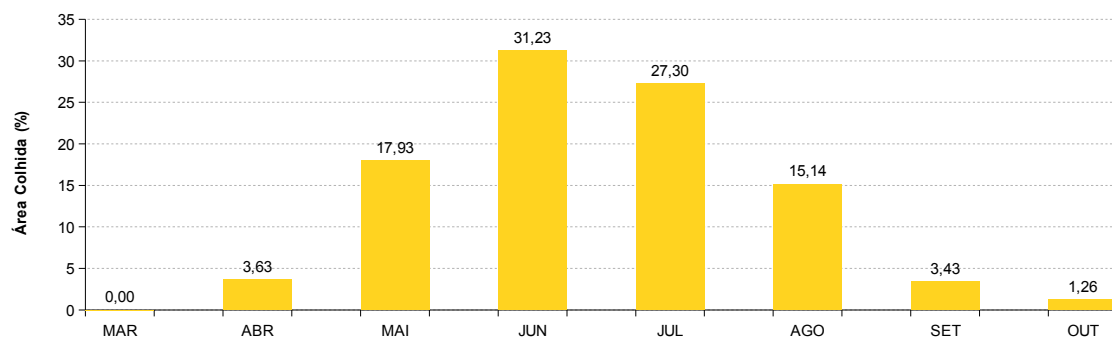


GRÁFICO 2
PRODUÇÃO DE CAFÉ - SAFRA 2014
PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL POR UF

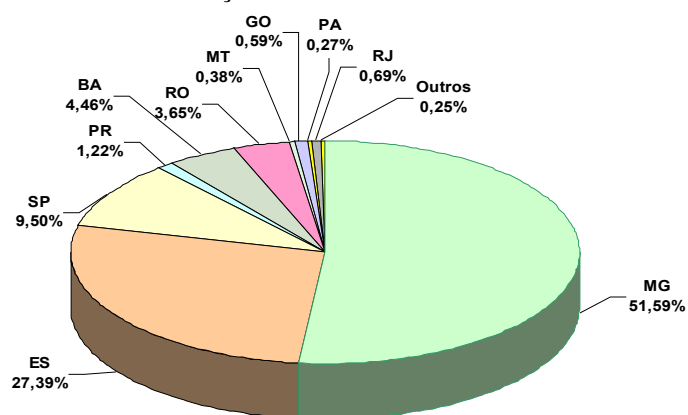


GRÁFICO - 3
CAFÉ - BENEFICIADO
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

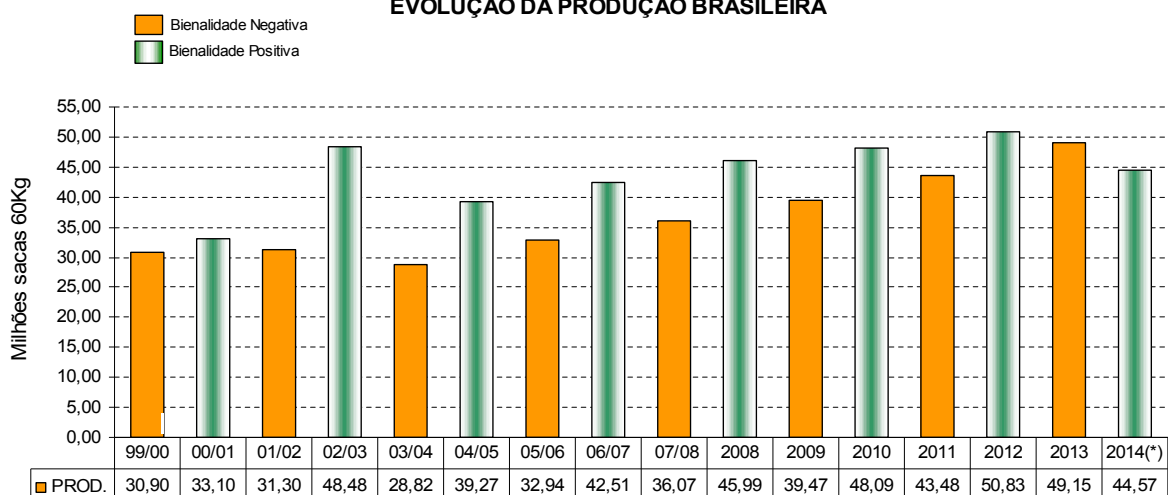


Tabela – 8 A
CAFÉ
COMPARATIVO DE ÁREA PLANTADA
SAFRAS 2001/2002 a 2007

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	2001/02		2002/03		2003/04		2004/05		2005/06		2006/07		2007	
	ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)	
	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO
Minas Gerais	164.900	891.100	142.000	1.070.000	116.000	977.000	144.050	1.001.577	156.505	1.033.533	117.033	1.011.865	131.481	1.016.414
Sul e Centro-Oeste	95.600	473.400	84.700	545.000	72.000	477.000			99.248	496.613	64.327	507.093	76.329	506.618
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	22.500	140.700	18.500	177.000	16.000	154.000			24.267	160.714	22.330	154.999	22.972	155.310
Zona da Mata, Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce, Central e Norte	46.800	277.000	38.800	348.000	28.000	346.000			32.990	376.206	30.376	349.773	32.180	354.486
Espírito Santo	64.330	510.930	60.500	529.000	29.900	521.000	19.455	507.786	26.698	493.958	21.790	473.256	23.186	517.729
São Paulo	34.220	223.470	29.100	225.000	21.000	210.000	19.000	204.700	15.893	221.040	14.670	212.100	13.235	168.700
Paraná	67.300	127.700	9.800	128.000	10.400	123.200	5.279	117.105	6.935	106.380	5.320	100.330	8.200	97.842
Bahia	17.940	95.600	10.100	103.000	2.800	95.200	2.155	96.710	2.415	97.175	2.750	97.794	3.762	151.792
Rondônia	73.000	245.000	26.000	165.000	18.000	188.000	9.000	188.000	6.300	165.910	2.653	162.627	7.950	153.281
Mato Grosso	12.600	38.100	4.300	36.900	3.200	36.100	2.500	34.517	2.500	34.500	2.750	32.230	1.438	16.227
Goiás(**)														
Pará	2.200	19.400	3.300	19.500	2.000	18.000	1.400	18.781	1.400	22.600	1.350	20.915	1.445	15.137
Rio de Janeiro	1.050	10.400	1.010	12.480	1.000	11.000	460	13.894	500	13.970	430	13.800	260	14.048
Outros	1.100	17.500	960	21.890	800	22.050	420	29.800	500	28.600	703	27.480	1.603	25.484
BRASIL	438.640	2.179.200	287.070	2.310.770	205.100	2.201.550	203.719	2.212.870	219.646	2.217.666	169.449	2.152.397	192.560	2.176.654

FONTE: Conab

Tabela – 8 B
CAFÉ
COMPARATIVO DE ÁREA PLANTADA
SAFRAS 2008 a 2014

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014(*)	
	ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)		ÁREA (Em hectares)	
	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO	FORMAÇÃO	PRODUÇÃO
Minas Gerais	122.156	1.048.172	149.053	1.000.731	131.499	1.006.719	136.435	1.000.869	662.268	662.268	193.981	1.037.797	244.632	1.001.078
Sul e Centro-Oeste	66.538	551.471	89.141	506.468	72.202	509.687	77.692	505.201	359.449	359.449	117.969	521.187	137.379	503.881
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	20.420	158.753	23.750	159.042	19.988	162.217	23.211	161.105	102.600	102.600	29.368	169.415	26.163	174.554
Zona da Mata, Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce, Central e Norte	35.198	337.948	36.162	335.221	39.309	334.815	35.532	334.563	200.219	200.219	46.644	347.195	81.090	322.643
Espírito Santo	27.147	489.592	33.892	479.798	35.317	460.193	34.737	452.527	137.787	137.787	45.915	453.167	41.228	447.355
São Paulo	12.106	188.495	10.410	182.020	8.634	167.147	13.238	169.538	60.097	60.097	17.028	162.329	10.167	152.665
Paraná	8.580	96.920	12.240	85.180	11.376	81.874	16.658	74.752	64.800	64.800	16.810	65.150	23.705	34.335
Bahia	5.796	125.033	7.754	126.170	10.464	139.550	9.855	138.834	26.743	26.743	12.494	134.511	12.494	134.511
Rondônia	7.045	155.972	6.152	154.335	6.955	154.879	6.220	153.391	5.714	8.834	5.465	102.840	5.510	99.137
Mato Grosso	5.301	15.007	1.438	15.272	6.307	15.186	3.150	19.899	1.747	4.050	1.251	20.890	1.603	20.585
Goiás(**)									1.707	7.182	1.495	6.383	1.725	6.024
Pará	2.365	12.917	150	12.407	150	13.500	0	10.448	140	312	95	6.383	95	6.383
Rio de Janeiro	260	13.562	200	13.923	150	13.100	15	12.864	7	15	4	13.276	0	13.217
Outros	2.131	24.125	1.323	23.073	1.716	24.477	1.373	23.300	663	1.459	636	13.700	345	10.783
BRASIL	192.887	2.169.795	222.612	2.092.909	212.568	2.076.625	221.681	2.056.422	961.673	973.547	295.174	2.016.425	341.504	1.926.073

FONTE: Conab

(*) - Segunda Estimativa – Maio/2014

(**) - O estado de Goiás só foi separado a partir do ano de 2012

TABELA 9
CAFÉ TOTAL (ARÁBICA E ROBUSTA) - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUTIVIDADE
SAFRAS 2001 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em sacas por hectare													
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	16,49	23,50	12,33	18,75	14,73	21,73	16,21	22,50	19,87	24,99	22,16	26,20	26,65	22,97
Sul e Centro-Oeste	16,05	21,34	11,24		13,59	22,94	14,34	21,97	19,25	24,75	20,67	26,62	25,62	21,58
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	22,03	28,81	18,25		17,96	27,83	20,96	28,56	24,26	34,84	24,83	36,99	30,77	33,31
Zona da Mata, Rio Doce e Central	14,40	19,66	11,21		14,84	16,10	16,79	20,50	18,71	20,57	23,13	20,19	26,86	19,47
Norte, Jequitinhonha e Mucuri												20,70	20,66	20,05
Espirito Santo	14,78	17,63	12,69	13,38	16,34	19,04	19,91	20,89	21,27	22,05	25,57	27,77	25,81	27,29
São Paulo	15,75	25,78	13,38	28,68	14,58	21,07	15,60	23,45	18,81	27,89	18,35	30,59	24,70	27,73
Paraná	4,23	18,28	15,99	21,57	13,49	22,41	17,70	26,91	17,22	27,90	24,64	23,52	25,33	15,87
Bahia	22,91	22,33	18,70	23,57	18,65	23,02	15,43	17,12	14,85	16,43	16,49	15,55	13,41	14,77
Cerrado												40,85	33,63	38,50
Planalto												8,02	6,92	7,73
Atlântico												33,28	29,92	31,83
Rondônia	7,80	12,73	13,30	9,36	10,68	7,77	9,67	12,03	10,02	15,30	9,31	10,88	13,20	16,39
Mato Grosso	9,19	13,28	11,91	8,98	8,99	7,76	9,43	9,20	9,23	13,37	6,92	5,90	8,21	8,25
Goiás												39,15	41,60	43,46
Pará	12,89	15,90	12,22	11,71	14,60	13,39	17,57	18,04	18,38	16,93	17,61	16,29	19,07	19,07
Rio de Janeiro	15,38	20,43	11,82	18,71	21,33	19,13	20,00	19,61	19,03	19,09	20,21	19,83	21,17	23,33
Outros	8,00	19,19	14,51	15,94	16,61	17,83	15,85	20,68	19,07	20,56	20,45	8,93	9,82	10,64
BRASIL	14,36	20,98	13,09	17,75	14,86	19,75	16,57	21,20	18,86	23,16	21,15	24,80	24,38	23,14

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 10
CAFÉ TOTAL (ARÁBICA E ROBUSTA) - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUÇÃO
SAFRAS 2001 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em mil sacas beneficiadas													
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	14.690,0	25.140,0	12.050,0	18.777,0	15.219,0	21.987,0	16.473,0	23.581,0	19.880,0	25.155,0	22.181,0	26.944,0	27.660,0	22.992,0
Sul e Centro-Oeste	7.600,0	11.633,0	5.360,0		6.750,0	11.633,0	7.266,0	12.118,0	9.750,0	12.616,0	10.442,0	13.792,0	13.355,0	10.874,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	3.100,0	5.100,0	2.810,0		2.886,0	4.313,0	3.255,0	4.534,0	3.859,0	5.652,0	4.001,0	6.231,0	5.213,0	5.814,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	3.990,0	6.840,0	3.880,0		5.583,0	5.631,0	5.952,0	6.929,0	6.271,0	6.887,0	7.738,0	6.137,0	8.315,0	5.566,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri												784,0	777,0	738,0
Espirito Santo	7.550,0	9.325,0	6.610,0	6.795,0	8.070,0	9.009,0	10.306,0	10.230,0	10.205,0	10.147,0	11.573,0	12.502,0	11.697,0	12.208,0
São Paulo	3.520,0	5.800,0	2.810,0	5.870,0	3.223,0	4.470,0	2.632,0	4.420,0	3.423,0	4.662,0	3.111,5	5.356,6	4.010,1	4.233,8
Paraná	540,0	2.340,0	1.970,0	2.526,0	1.435,0	2.248,0	1.732,0	2.608,0	1.467,0	2.284,0	1.842,0	1.580,0	1.650,0	545,0
Bahia	2.190,0	2.300,0	1.780,0	2.279,0	1.812,0	2.251,0	2.342,0	2.141,0	1.874,0	2.292,7	2.290,0	2.149,6	1.803,3	1.987,3
Cerrado												527,7	398,8	456,6
Planalto												808,8	681,1	761,2
Atlântico												813,1	723,4	769,5
Rondônia	1.910,0	2.100,0	2.500,0	1.760,0	1.772,0	1.263,0	1.482,0	1.876,0	1.547,0	2.369,0	1.428,3	1.367,0	1.357,0	1.625,0
Mato Grosso	350,0	490,0	430,0	310,0	310,0	250,0	153,0	138,0	141,0	203,1	137,8	124,1	171,5	169,8
Goiás												247,4	265,5	261,8
Pará	250,0	310,0	220,0	220,0	330,0	280,0	266,0	233,0	228,0	228,6	184,0	167,0	121,7	121,7
Rio de Janeiro	160,0	255,0	130,0	260,0	298,0	264,0	281,0	266,0	265,0	250,1	260,0	262,2	281,0	308,4
Outros	140,0	420,0	320,0	475,0	475,0	490,0	404,0	499,0	440,0	503,3	476,6	126,5	134,5	113,6
BRASIL	31.300,0	48.480,0	28.820,0	39.272,0	32.944,0	42.512,0	36.071,0	45.992,0	39.470,0	48.094,8	43.484,2	50.826,4	49.151,6	44.566,4

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 11
CAFÉ ARÁBICA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE ÁREA EM PRODUÇÃO
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em hectares						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	1.046.416,0	983.284,0	992.027,0	985.668,0	1.013.134,0	503.624,0	987.958,0
Sul e Centro-Oeste	551.471,0	506.468,0	509.687,0	505.201,0	518.082,0	521.187,0	503.881,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	158.753,0	159.042,0	162.217,0	161.105,0	168.463,0	169.415,0	174.554,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	336.192,0	317.774,0	320.123,0	319.362,0	326.589,0	301.152,0	277.310,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						33.057,0	32.213,0
Espírito Santo	195.375,0	184.748,0	181.367,0	172.445,0	170.022,0	170.043,0	162.352,0
São Paulo	188.495,0	182.020,0	166.195,0	169.538,0	175.137,0	162.328,5	152.665,0
Paraná	96.920,0	85.180,0	82.613,0	74.752,0	67.177,0	65.150,0	34.335,0
Bahia	103.340,4	103.461,0	115.617,0	113.894,5	113.779,0	110.332,2	110.332,2
Cerrado		12.088,0	12.273,0	11.556,5	12.918,0	11.858,5	11.858,5
Planalto		91.373,0	103.344,0	102.338,0	100.861,0	98.473,7	98.473,7
Mato Grosso	1.425,0	1.216,0	1.216,0	1.591,0	136,0	85,0	135,0
Goiás					6.320,0	6.382,6	6.024,3
Rio de Janeiro	12.883,9	13.227,0	12.445,0	12.221,0	13.225,0	13.276,0	13.217,0
Outros	9.797,6	9.460,0	9.791,0	22.834,0	13.831,0	13.305,0	10.325,0
BRASIL	1.654.652,9	1.562.596,0	1.561.271,0	1.552.943,5	1.572.761,0	1.565.713,3	1.477.343,5

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 12
CAFÉ ARÁBICA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUTIVIDADE
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em sacas por hectare						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	22,50	19,93	25,10	22,16	22,16	26,72	22,97
Sul e Centro-Oeste	21,97	19,25	24,75	20,67	26,62	25,62	21,58
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	28,56	24,26	34,84	24,83	36,99	30,77	33,31
Zona da Mata, Rio Doce e Central	20,50	18,85	20,73	23,29	20,27	27,01	19,38
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						20,54	19,71
Espírito Santo	14,67	14,09	15,39	17,85	16,40	20,50	17,60
São Paulo	23,45	18,81	28,05	18,35	30,59	24,70	27,73
Paraná	26,91	17,22	27,65	24,64	23,52	25,33	15,87
Bahia	15,15	12,87	14,95	13,60	11,75	9,79	11,04
Cerrado		36,07	39,56	37,12	40,85	33,63	38,50
Planalto		9,80	12,02	10,94	8,02	6,92	7,73
Mato Grosso	8,42	9,05	13,40	6,91	18,38	18,82	15,56
Goiás					39,15	41,60	43,46
Rio de Janeiro	19,64	19,05	19,09	20,21	19,83	21,17	23,33
Outros	21,74	19,03	19,06	20,46	9,10	9,90	10,71
BRASIL	21,44	18,47	23,59	20,73	24,38	24,45	21,82

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 13
CAFÉ ARÁBICA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUÇÃO
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em mil sacas beneficiadas						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	23.545,0	19.598,0	24.903,0	21.882,0	26.644,0	27.380,0	22.697,0
Sul e Centro-Oeste	12.118,0	9.750,0	12.616,0	10.442,0	13.792,0	13.355,0	10.874,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	4.534,0	3.859,0	5.652,0	4.001,0	6.231,0	5.213,0	5.814,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.893,0	5.989,0	6.635,0	7.439,0	6.621,0	8.133,0	5.374,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						679,0	635,0
Espírito Santo	2.867,0	2.603,0	2.792,0	3.079,0	2.789,0	3.486,0	2.858,0
São Paulo	4.420,0	3.423,0	4.662,0	3.111,5	5.356,6	4.010,1	4.233,8
Paraná	2.608,0	1.467,0	2.284,0	1.842,0	1.580,0	1.650,0	545,0
Bahia	1.565,5	1.331,5	1.727,9	1.548,9	1.336,5	1.079,9	1.217,8
Cerrado		436,0	485,5	429,0	527,7	398,8	456,6
Planalto		895,5	1.242,4	1.119,9	808,8	681,1	761,2
Mato Grosso	12,0	11,0	16,3	11,0	2,5	1,6	2,1
Goiás					247,4	265,5	261,8
Rio de Janeiro	253,0	252,0	237,6	247,0	262,2	281,0	308,4
Outros	213,0	180,0	186,6	467,1	125,8	131,7	110,6
BRASIL	35.483,5	28.865,5	36.824,1	32.188,5	38.344,0	38.285,8	32.234,5

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 14
CAFÉ ROBUSTA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE ÁREA EM PRODUÇÃO
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em hectares						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	1.756,0	17.447,0	14.692,0	15.201,0	15.291,0	12.986,0	13.120,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	1.756,0	17.447,0	14.692,0	15.201,0	15.291,0	8.441,0	8.528,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						4.545,0	4.592,0
Espírito Santo	294.217,0	295.050,0	281.940,0	280.082,0	280.106,0	283.124,0	285.003,0
Bahia	21.693,0	22.709,0	23.933,0	24.939,0	24.434,0	24.178,9	24.178,9
Atlântico		22.709,0	23.933,0	24.939,0	24.434,0	24.178,9	24.178,9
Rondônia	155.972,0	154.335,0	154.783,0	153.391,0	125.667,0	102.840,0	99.137,0
Mato Grosso	13.582,0	14.056,0	13.970,0	18.293,0	20.892,0	20.805,0	20.450,0
Pará	12.917,0	12.407,0	13.500,0	10.448,0	10.185,0	6.383,0	6.383,0
Rio de Janeiro	678,1	696,0	655,0	643,0			
Outros	14.696,4	13.613,0	14.686,0	466,0	338,0	395,0	458,0
BRASIL	515.511,5	530.313,0	518.159,0	503.463,0	476.913,0	450.711,9	448.729,9

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 15
CAFÉ ROBUSTA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUTIVIDADE
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em sacas por hectare						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	20,50	16,16	17,15	19,67	19,62	21,56	22,48
Zona da Mata, Rio Doce e Central	20,50	16,16	17,15	19,67	19,62	21,56	22,51
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						21,56	22,43
Espírito Santo	25,03	25,77	26,09	30,33	34,68	29,00	32,81
Bahia	26,53	23,87	23,60	29,72	33,28	29,92	31,83
Atlântico		23,87	23,60	29,72	33,28	29,92	31,83
Rondônia	12,03	10,02	15,31	9,31	10,88	13,20	16,39
Mato Grosso	9,28	9,25	13,37	6,93	5,82	8,17	8,20
Pará	18,04	18,38	16,93	17,61	16,40	19,07	19,07
Rio de Janeiro	19,78	19,27	19,08	20,22			
Outros	19,43	19,10	20,56	20,39	2,07	7,09	6,55
BRASIL	20,38	20,00	21,75	22,44	26,17	24,11	27,48

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

TABELA 16
CAFÉ ROBUSTA - BRASIL
SÉRIE HISTÓRICA DE PRODUÇÃO
SAFRAS 2008 A 2014

UNID.FEDERAÇÃO / REGIÃO	Em mil sacas beneficiadas						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014 ^(*)
Minas Gerais	36,0	282,0	252,0	299,0	300,0	280,0	295,0
Zona da Mata, Rio Doce e Central	36,0	282,0	252,0	299,0	300,0	182,0	192,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri						98,0	103,0
Espírito Santo	7.363,0	7.602,0	7.355,0	8.494,0	9.713,0	8.211,0	9.350,0
Bahia	575,5	542,0	564,8	741,1	813,1	723,4	769,5
Atlântico		542,0	564,8	741,1	813,1	723,4	769,5
Rondônia	1.876,0	1.547,0	2.369,0	1.428,3	1.367,0	1.357,0	1.625,0
Mato Grosso	126,0	130,0	186,8	126,8	121,6	169,9	167,7
Pará	233,0	228,0	228,6	184,0	167,0	121,7	121,7
Rio de Janeiro	13,4	13,4	12,5	13,0	0,0	0,0	
Outros	285,6	260,0	302,0	9,5	0,7	2,8	3,0
BRASIL	10.508,5	10.604,4	11.270,7	11.295,7	12.482,4	10.865,8	12.331,9

FONTE: Conab

(*) Levantamento em maio/2014

14. Referências bibliográficas consultadas

Belan, L.L. et al. (2011). **Aspectos fisiológicos do cafeeiro Conilon: Uma abordagem sistemática.** Nucleus.v.8, n.1. p.225-240.

Camargo, A. P.;Camargo, M.B.P. (2001). **Definição e esquematização das fases fenológicas do cafeeiro arábica nas condições tropicais do Brasil.** Bragantia. 60 (1). p.65-68.

Chaves, A. R. M. (2009). **Aspectos fisiológicos do crescimento e da produção do cafeeiro.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais.

DaMatta, F.M. (2003). **Drought tolerance of two field-grown clones of *Coffea canephora*.** Plant Sci. 164. p.111-117.

DaMatta, F.M. (2004). **Exploring drought tolerance in coffee: a physiological approach with some insights for plant breeding.** Braz.J. Plant Physiol. 16(1), p.1-6.

DaMatta, F. M.; Ramalho, J.D.C. (2006). **Impacts of drought and temperature stress on coffee physiology and production: a review.** Braz.J. Plant.Physiol. 18 (1). p55-81.

Lima, A. L. et al. (2002). **Photochemical responses and oxidative stress in two clones of *Coffea canephora* under water deficit conditions.** Environmental and Experimental Botany. 47. p.239-247.

Pinheiro, H. A. et al. (2005). **Drought tolerance is associated with rooting depth and stomatal control of water use in clones of *Coffea canephora*.** Annals of Botany, 96. p.101-108.

Silva, V.A. (2007). **Caracterização fisiológica da tolerância seca em *Coffea canephora*: contribuição relativa do sistema radicular e da parte aérea.**Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais.

Silva, V.A. et al. (2010). **Resposta Fisiológica de clone de café Conilon sensível adeficiência hídrica enxertado em porta-enxerto tolerante.** Pesquisa Agropecuária Brasileira. v.45, n.5. p.457-464.

Taiz, L.;Zeiger, E. (2004).**Fisiologia Vegetal.** 3.ed. Artmed. Porto Alegre.719p.

Meireles, E. J. L. et al. Café. In: Monteiro, J.E.B.A. **Agrometeorologia dos Cultivos. O fator meteorológico na produção agrícola.** Inmet. 1.ed. Brasília. 2009. 530p.

SUREG AC

Travessa do Icó, Nº 180
Estação Experimental
69.901.180 Rio Branco, AC
fone 68 3221 8921
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Rua Tobias Barreto, s/n - Bebedouro
57017 690 Maceió AL
fone 82 3241 0838
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Av. Min. Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69075 830 Manaus AM
fone 92 3182 2402
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Av. Ernestino Borges, 740
(Prédio do Sebrae), Laguinho
68.908-180 Macapá, AP
fone 96 2101 3223
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA/SE

Av. Antônio Carlos Magalhães, 3840
4o andar, Ed.Capemi, Bl. A - Pituba
40821 900 Salvador BA
fone 71 3113 8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

R. Antônio Pompeu, 555
José Bonifácio
60040 001 Fortaleza CE
fone 85 3252 1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Av. Princesa Isabel, 629 Sala 702
Ed. Vitória Center - Centro
29010 904 Vitória ES
fone 27 3041 4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Av. Meia Ponte, 2748 - Sta. Genoveva
74670 400 Goiânia GO
fone 62 3232-4402
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Rua dos Sabiás, nº 4, Lotes 4 e 5,
Jardim Renascença
65075 360 São Luís MA
fone 98 2109 1300
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Av. Mato Grosso, 1022 - Centro
79002 232 Campo Grande MS
fone 67 3383 1666
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

R. Padre Jerônimo Botelho, 510
Ed. Everest - Dom Aquino
78015 240 Cuiabá MT
fone 65 3616 3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

R. Professor Antônio Aleixo, 756
Bairro Lourdes
30180 150 Belo Horizonte MG
fone 31 3290 2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

R. Joaquim Nabuco, 23, Bairro Nazaré
66055 300 Belém PA
fone 91 3218 3602
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

R. Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Cruz das Armas
58085 010 João Pessoa PB
fone 83 3242 6573
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Estrada do Barbalho, 960 - Iputinga
50690 000 Recife PE
fone 81 3453 4038
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

R. Honório de Paiva, 475 Sul - Piçarra
64001 510 Teresina PI
fone 86 3194 5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

R. Mauá, 1116 - Alto da Glória
80030 200 Curitiba PR
fone 41 3313 2700
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

R. da Alfândega, 91, 11º, 12º e 14º andares
20010 001 Rio de Janeiro RJ
fone 21 3861 5750
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

Av. Jerônimo Câmara, 1814
Lagoa Nova
59060 300 Natal RN
fone 84 4006 7616
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Av. Farquar, 3305 - Bairro Pedrinhas
78904 660 Porto Velho RO
fone 69 3216 8418
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Av. Venezuela, 1120 Portão A
Bairro Mecejana
69309 695 Boa Vista RR
fone 95 3623 9460
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

R. Quintino Bocaiúva, 57 - Floresta
90440 051 Porto Alegre RS
fone 51 3326 6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

BR 101, Km 205 - Barreiros
88110 200 São José SC
fone 48 3381 7210
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alameda Campinas, 433
Térreo, 2º. 3º. 4º. e 5º andares
Jardim Paulista
01404-901 São Paulo, SP
fone 11 3264 4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Quadra 103 Norte Rua 01 Lote 33/35
Plano Diretor Norte
77015 034 Palmas TO
fone 63 3218 7402
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
(61) 3312-6277/6264/2210/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

